



UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS HUMANAS – DCH -CAMPUS IV –
JACOBINA
CURSO– LÍNGUA PORTUGUESA E LITERATURAS

ELIENE DIAS BISPO
LUCIANA DOS SANTOS FREIRE

**NARRATIVAS DE SI: A FIGURA PROTAGONISTA DOS GRIOTS
NO PROCESSO DE CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS**

Jacobina
2018

ELIENE DIAS BISPO
LUCIANA DOS SANTOS FREIRE

**NARRATIVAS DE SI: A FIGURA PROTAGONISTA DOS GRIOTS
NO PROCESSO DE CONTAÇÃO HISTÓRIAS**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Língua Portuguesa e Literaturas da Universidade do Estado da Bahia (UNEB), como requisito parcial para obtenção do título de Graduação em Licenciatura.

Orientador(a): Prof.^a Ma. Rúbia Mara de Sousa Lapa Cunha.

Jacobina
2018

ELIENE DIAS BISPO
LUCIANA DOS SANTOS FREIRE

Trabalho de Conclusão do Curso para aprovação pela Banca Examinadora para obtenção do Grau das Licenciadas em Língua Portuguesa e Literatura da Universidade do Estado da Bahia - UNEB.

Aprovadas em 11 de janeiro de 2018.

BANCA EXAMINADORA

Prof.^a Ma. Rúbia Mara de Sousa Lapa Cunha
Universidade do Estado da Bahia -UNEB
(Orientadora)

Prof.^a Dra. Denise Dias de Carvalho Sousa
Universidade do Estado da Bahia - UNEB

Prof.^a Ma. Helga Porto Miranda
Universidade do Estado da Bahia – UNEB

Prof.^a Ma. Luzineide Vieira de Sousa
Universidade do Estado de Feira de Santana - UEFS

Entre as nações modernas, onde a escrita tem precedência sobre a oralidade, onde o livro constitui o principal veículo da herança cultural, durante muito tempo julgou-se que os povos sem escrita eram povos sem cultura. Felizmente esse conceito infundado começou a desmoronar [...]

(HAMPATÉ BÁ, 2011, p.167)

AGRADECIMENTOS

A Deus em primeiro lugar por ter nos agraciados com a oportunidade de trilhar um percurso acadêmico com êxito além de nos dar força e coragem para vencermos todos os obstáculos e dificuldades enfrentados durante toda nossa trajetória acadêmica.

Agradecemos em especial as nossas famílias pela compreensão e pelo apoio, porque foram elas que nos incentivaram e inspiraram a superar todas as dificuldades.

A nossa professora e orientadora, Rúbia Mara de Sousa Lapa Cunha, queremos deixar uma palavra de gratidão, por ter acreditado na possibilidade da realização deste trabalho. Agradecemos por toda sua disponibilidade e paciência. Obrigada por ter nos recebido de braços abertos e ter nos proporcionado valiosos dias de aprendizagens.

Somos gratas a todos os professores e às pessoas que fizeram parte do nosso percurso universitário, de forma direta ou indireta, e contribuíram para tornar possível este nosso sonho tão especial.

Obrigada, Deus, por colocar pessoas maravilhosas em nosso caminho, sabemos que todos que trilharam em nosso percurso, foi um presente de Ti e sempre estarão em nossa memória como etapa de nossa história.

RESUMO

A presente pesquisa tem como objetivo compreender a influência da tradição oral africana a partir dos contadores de histórias. Nesse sentido, analisamos como é representada a figura protagonista *griot* na personagem Jerusa, da obra literária infantil e juvenil *O fantástico mistério de Feiurinha*, de Pedro Bandeira. Alcançamos o objetivo geral mediante o percurso metodológico de cunho bibliográfico, embasadas nos autores Abromovich (1989,1997); Hall (1999,2003); Elias José (2012); Vansina (2010); Coelho (2000), Hampaté Bâ (2011) Cadermatori (2010); Bettelheim (1980) e Busatto (2007), com abordagem qualitativa, de forma exploratória, no intuito de aprofundar sobre as narrativas orais da cultura africana, tendo como base a lei 10.639/03, que torna obrigatório o ensino de história e cultura africana e afro-brasileira. Concluimos que o processo de contação de histórias pelo *griot* traz em sua essência uma resignificação da função social e identitária do negro na sociedade, proporcionando uma revisitação a estas temáticas que, outrora, foram negligenciadas e apagadas nas narrativas. Tudo isso só foi possível pelo viés da intertextualidade, que funciona como estratégia de práticas leitoras.

Palavras - Chave: Literatura Infantil e Juvenil. Griot. Contação de Histórias. Memória. Intertextualidade.

ABSTRACT

The present research aims to understand the influence of African oral tradition from storytellers. In this sense, we analyze how is represented the figure protagonist griot in the character Jerusa, of the Children and youth literary work *O Fantástico mistério de feiurinha*, of Pedro Bandeira. We reached the general objective of the methodological course of bibliographical design, based on the authors Abromivich (1989, 1997), Hall (1999,2003); Elias José (2012); Vansina (2010); Coelho (2000), Hampaté Bâ (2011), Cadermatori (2010), Bettelheim (1980) and Busatto (2007), with a qualitative approach in an exploratory way, in order to deep in the oral narratives of african culture, based on the law 10.939 / 03, which makes mandatory the teaching of African and Afro-Brazilian history and culture. We concluded that the process of storytelling by griot brings in essence a re-signification of the social and identity function of the black in society and, therefore, such a study provided us with a revisitation of this theme that were once neglected and erased in the literary narratives. Everything was only possible through the bias of intertextuality, which works as strategies of reading practices.

Keywords: Children and Youth Literature. Griot. Storytelling. Memory, Intertextuality.

LISTA DE IMAGENS

Imagem 1 -	Fotografia do livro <i>O mundo da criança</i>	10
Imagem 2 -	Fotografia do livro <i>O mundo da criança</i>	25
Imagem 3 -	Ilustração Griot <i>Contos Africanos</i>	35
Imagem 4 -	Fotografia da capa do livro <i>O fantástico mistério de Feiurinha</i>	35
Imagem 5 -	Fotografia da <i>Oficina Contação de História</i> da disciplina SIP III.....	55

SUMÁRIO

1 NOTAS INTRODUTÓRIAS: NOSSA VIDA E FORMAÇÃO	10
1.1 NARRATIVAS DE SI: LUGAR DA MINHA MEMÓRIA	17
1.2 REMEMORANDO MINHA HISTÓRIA	21
2 DA NARRATIVA ORAL À LITERATURA INFANTIL E JUVENIL	25
2.1 A TRADIÇÃO ORAL NAS NARRATIVAS INFANTIS E JUVENIS.....	28
2.2 O CONTO COMO PRINCIPAL GÊNERO LITERÁRIO NA CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS.....	30
3 OS CONTADORES DE HISTÓRIAS: GRIOTS	35
3.1 (DES)VELANDO O TERMO E PERFIL DO GRIOT	36
3.2 COMO OS CONTADORES GRIOTS SE CONSTITUEM NAS NARRATIVAS INFANTIS E JUVENIS NA CONTEMPORANEIDADE.....	40
3.3 COMO A FIGURA DO GRIOT É REPRESENTADO NA OBRA <i>O FANTÁSTICO MISTÉRIO DE FEIURINHA</i> , DE PEDRO BANDEIRA	46
4 OS CONTADORES DE HISTÓRIAS GRIOTS E A FORMAÇÃO LEITORA	55
4.1 A CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS GRIOTS COM BASE NA OBRIGATORIEDADE DA LEI 10.639/03.....	55
4.2 O CONTADOR DE HISTÓRIAS COMO DISPOSITIVO PARA FORMAÇÃO DO SUJEITO-LEITOR.....	58
CONSIDERAÇÕES FINAIS	63
REFERÊNCIAS	65



Imagem 1: Fotografia do livro *O mundo da criança* (1949, p.11).

1 NOTAS INTRODUTÓRIAS: NOSSA VIDA E FORMAÇÃO

Todos nós temos uma história e, ao iniciarmos uma produção escrita autorizada, devemos dar início fazendo uma rápida retrospectiva do viver. Sendo assim, faz-se necessário começarmos a partir das narrativas individuais que se cruzam na escolha da temática do nosso trabalho final de conclusão de curso. Narrativas de si é parar, repensar, sair em busca de nós mesmas, para tentar explicar o porquê da nossa temática. Assim, todo o texto será marcado por tais indagações, que foram desveladas e desvendadas para elaboração da monografia, a qual vai nos colocando em situações provocativas e deslumbrantes, ressignificando as

experiências vividas, tanto no presente como no passado, cuja memória guarda as experiências de vidas marcantes.

Então, aqui, algumas dessas informações, muitas vezes já esquecidas no tempo ou até mesmo não valorizadas, tornaram-se ações que passam a ser reestruturadas e nós assumimos a tarefa de trilhar por ambientes e lugares desconhecidos, que vão implicar diretamente na nossa imersão interior, ativando abertura de novas vivências, rememorando fatos com novas experiências e aprendizados.

De todas as formas de apropriação, surge para esse momento de descobertas conjunta o fator da consciência de que tudo quanto foi vivenciado e as nossas histórias vividas, ouvidas e contadas são artimanhas de um verdadeiro e grande professor.

Mas antes de apresentar esse grande mestre das histórias, sendo neste trabalho o protagonista, é bom que se esclareça que este trabalho foi realizado a partir da parceria de duas amigas estudantes, que se descobrem pelo espaço da literatura como forma de reviver fatos de suas vidas. Logo, narramos um pouco da nossa história, vivenciada na universidade e no contexto familiar, as experiências de leitura e o conhecimento cultural, para apresentar o porquê do nosso desejo de analisar nas narrativas infantis a figura protagonista dos griots no processo dos contadores de histórias, compreendendo a influência da tradição oral africana a partir da contação de história.

A universidade é um espaço que nos proporciona novos horizontes, novos olhares que, muitas vezes, em toda a caminhada escolar, não foram propostos para nós. E isso, presentemente, consideramos muito importante, porque quantas vezes sabíamos algo para falar ou até a certificar e não tivemos uma oportunidade sequer para que isso ocorresse? Eis que vamos nos tornando pessoas acomodadas e silenciadas, sem ter motivos para questionar. Na maioria das vezes, os professores se posicionam de forma autoritária e, durante a docência, vão silenciando e formando sujeitos sem voz ativa e sem direcionamento crítico.

Mas, a literatura liberta, humaniza, transforma... E no espaço aberto da universidade, os primeiros contatos com os estudos literários de cunho africano se iniciam com a disciplina *Literatura e cultura afro-brasileira*, sob a responsabilidade do professor Paulo André, bem como *História e Cultura Afro-brasileira e Indígena*, mediada pela professora Marta Alencar. A partir daí, compreendemos a importância da literatura, cultura e história africana e afro-brasileira para nossa história. Por não

termos tido esse contato no ambiente escolar; não conhecíamos nem valorizávamos a herança cultural a qual pertencemos.

Certamente, hoje, sentimos o interesse de ir em busca das nossas histórias e valorizá-las. Temos o desejo de realizar novas e variadas leituras, que possam trazer nuances e temáticas culturais e tradições, as quais valorizem e desconstruam estereótipos existentes.

Ainda, no componente curricular *O estético e o lúdico na literatura infantil e juvenil*, mediado pela professora Maria Iraídes, foram proporcionadas rodas de leituras, que nos causaram muita emoção e prazer ao ler. Contar histórias nos trouxe sentimentos inexplicáveis e de como é encantador ouvi-las, também. Uma das obras lidas na roda de leitura, que nos identificamos e apaixonamos, foi a literatura infantil e juvenil *O fantástico mistério de Feiurinha*, de Pedro Bandeira, obra que escolhemos analisar neste trabalho, com base na personagem Jerusa, a protagonista.

Em seguida, no componente curricular *Prática Pedagógica III*, coordenado pela professora Rúbia Lapa, nossa orientadora, foi realizada uma oficina na qual apresentamos uma peça teatral, com os demais colegas de sala, da obra em destaque, que nos fez admirar como a leitura literária, por mais simples que seja a história, pode trazer leituras críticas, com variados temas os quais enriquecem o conhecimento do leitor.

Outra inspiração para realizar esta pesquisa vem da experiência vivenciada no curso de extensão *Contação de Histórias em Hospitais*, desenvolvido pela professora Denise Dias, que nos fez entender como é admirável ser um(a) contador(a) de histórias, emocionar e ser emocionado(a); revelar-se através de uma história escolhida e tocar o coração do outro pela narrativa bem contada. Essa experiência nos forneceu um aprendizado único e determinante para nossa escolha do tema. Dentre os vários outros componentes ministrados durante nosso percurso de graduação, esses foram os que mais nos identificamos e que justificam o nosso objeto de pesquisa.

Nesta condição, com as experiências acadêmicas, mudamos a maneira de olhar a leitura e a escrita e, por consequência, o contato com a pesquisa a partir de todo aporte teórico, que se consolidou e enriqueceu o nosso repertório de leitura, de maneira significativa. Sem dúvida, esse conhecimento ainda é pequeno, pois a demanda de leitura é muito grande para “correr atrás” do tempo perdido, mas temos consciência de que este é o melhor caminho a seguir. Pretendemos, assim, dar

continuidade aos estudos com a pós-graduação, cujo tema será ampliado para fomentar novos projetos, pois o que nos inspira é o ensino da literatura e a cultura africana e afro-brasileira em sua essência.

Por vivermos em um país de poucos leitores, de acordo com algumas pesquisas realizadas, como a pesquisa divulgada na 4ª edição dos *Retratos da Leitura no Brasil*, desenvolvida em março de 2016, pelo Instituto Pró-Livro, que diz que, por ano, o brasileiro lê apenas 2,43 livros; bem como em observações feitas nos estágios obrigatórios do curso de Letras, Língua Portuguesa e Literaturas, percebemos que os estudos iniciais não permitem desenvolver comportamentos leitores, nem afloram certas aptidões e habilidades de interpretações, leituras, escritas e produções literárias, principalmente, o estudo de obras clássicas (ou não).

E em relação à leitura de textos de cunho africano, é possível um retorno do passado, que valorize o contexto cultural de seu país ou em torno onde o personagem é visivelmente apresentado como protagonista da sua própria história. Com base na Lei 10.639/03, que torna obrigatória a inclusão no currículo escolar do ensino de História e Cultura Africana e Afro-Brasileira nos estabelecimentos públicos e privados, tem aumentado, de forma gradativa, o interesse pela temática. E no campo da literatura, instrumento imprescindível nas aulas de língua portuguesa para compreender o mundo, a arte de contar histórias referente à cultura africana e afro-brasileira, bem como ouvi-las, pode estabelecer, de forma dinâmica e lúdica, os saberes passados, entendendo mais claramente o presente, além de desenvolver a oralidade, a desconstrução de estereótipos e a valorização da cultura diversificada existente em nosso país. De acordo com Elias José (2012, p.43):

No encanto das narrativas, há o prazer que provoca o ouvir histórias em primeiro plano. Mas também há uma maneira de valorizar os antepassados, o grupo, e de passar para as novas gerações, as crenças, alegrias e tristezas e modo de ser e viver do país.

O percurso da contação de histórias, em especial de origem griots, nas narrativas infantis, pode minimizar a estatística de desconhecimento da cultura trazida do continente africano, pois a historiografia brasileira, por muitos anos, nos fez acreditar que os negros e negras trazidos da África eram passivos, sem força, preguiçosos, buscando ocultar o verdadeiro sentido do que é ser africano ou afrodescendente.

Tais narrativas orais é uma arte milenar, praticada pelos contadores de histórias em todo o mundo, de variadas formas de comunicação, que interagem, integram e preservam a cultura por intermédio da voz, gestos e imaginação, porém, estamos acostumados a conhecer apenas as narrativas originadas da cultura europeia. Segundo Alfredo Bosi (1992, p.308):

Estamos acostumados a falar em cultura brasileira, assim, no singular, como se existisse uma unidade prévia que aglutinasse todas as manifestações materiais e espirituais do povo brasileiro. Mas é claro que uma tal unidade ou uniformidade parece não existir em sociedade moderna alguma e, menos ainda, em uma sociedade de classes. Talvez se possa falar em cultura bororo ou cultura nhambiquara tendo por referente a vida material e simbólica desses grupos antes de sofrerem a invasão e aculturação do branco. Mas depois, e na medida em que há frações do interior do grupo, a cultura tende também a rachar -se, a criar tensões, a perder a sua primitiva fisionomia que, ao menos para nós, parecia homogênea.

Somos conhecedoras e entendemos que no Brasil não existe apenas uma cultura brasileira, pois compreendemos a pluralidade existente, inúmeras representações nos diferencia e singulariza culturalmente e as narrativas orais trazem essa preservação e ressignificação de variadas culturas, dentre elas, tradições vindas de variados territórios do continente africano. Confirma Bosi (1992, p.309) que:

Os critérios podem e devem mudar. Pode - se passar da raça para nação, e da nação para a classe social (cultura do rico, cultura do pobre, cultura burguesa, cultura operária), mas, de qualquer modo, o reconhecimento do plural é essencial.

Assim, a sabedoria dos africanos contadores de histórias, que são considerados como guardiões da memória, sua tradição e história, é perpassada por muitos séculos através da oralidade, que é baseada na palavra, sendo transmitidas por meio de contos, canções, lendas, mitos, que reforçam a cultura do grupo ou comunidade, transmitindo com orgulho seu pertencimento, resistência e identidade, até os dias de hoje.

Pelo visto, a tradição oral é transmitida por saberes de geração para geração como forma de promover conhecimento acerca das culturas ancestrais e ao movimento de resistência ao discurso dominante, que se corporifica nas escritas. Portanto, de acordo com o escritor Hampaté Bâ (2011), a tradição oral pode ser considerada uma grande escola histórica de vida com suas próprias particularidades,

“fundada na iniciação e na experiência, a tradição oral conduz o homem à sua totalidade e, em virtude disso, pode-se dizer que contribui para criar um tipo de homem particular, para esculpir a alma africana” (HAMPATÉ BÂ, 2011, p.183), no tocante ao desenvolvimento do intelecto do sujeito

Então, partiremos da indagação de como os griots¹ se constituem nas narrativas infantis/juvenis e quais representações podemos encontrar na história de Pedro Bandeira, *O fantástico Mistério de Feiurinha*, para que a produção venha contribuir com a inserção e redimensionamento do ensino de literatura no ambiente da escola pública?

É de grande valia (re)tomar o objetivo geral da presente pesquisa, no intuito de compreender a influência da tradição oral africana a partir dos contadores de histórias griots, com base nas narrativas infantis e juvenis. Sendo assim, os objetivos específicos são: a) traçar o perfil do contador de história griot na contemporaneidade; b) analisar a figura griot na perspectiva protagonista com base no processo de reconhecimento e valorização da tradição oral e cultural africana na obra citada c) identificar como os griots se constituem nas narrativas infantis; e, por último, d) identificar o papel do contador de história griot na formação do sujeito-leitor, na obrigatoriedade da Lei 10639/03.

Por outro lado, adotamos o método exploratório de cunho bibliográfico, com base na literatura infantil e juvenil, de abordagem objetiva qualitativa, e assim foram consultados alguns livros didáticos, filmes e um levantamento breve sobre teóricos. Desta forma, para nortear a pesquisa, dialogamos com o seguinte referencial teórico: Abromovich (1989,1997); Hall (1999,2003); Elias José (2012); Vansina (2010); Coelho (2000), Bettelheim (1980), Hampaté Bâ (2011), Cadermatori (2010) e Busatto (2007), dentre outros, os quais enfocam a tradição oral africana, narrativas orais, literatura infantil e juvenil, cultura africana e afro-brasileira e representatividade nos contadores de histórias griots que facilitem o conhecimento de si e os saberes culturais.

Outrossim, na tentativa de formar sujeitos leitores críticos em uma sociedade/cultural e na busca de desconstruir possíveis estereótipos que projetam sujeitos dentro de um contexto cultural marcado pelos brancos e que omite ou apaga a presença do negro nas narrativas ouvidas dos contadores griots, transcritas para a

¹ A palavra *griô*, de forma abreviada, vem do francês *griot* e nos remete ao colonialista francês, aos tradicionalistas ou mestres de origem africana, ignorando suas especificidades e lugares de fala nos diversos grupos e etnias.

escrita como forma de materializar a tradição da história cultural, é que este estudo se apresenta.

A nossa pesquisa encontra-se estruturada em quatro capítulos a seguir. Inicialmente, no capítulo 1 – *Notas introdutórias: Nossa vida*, formação, apresentamos o percurso da pesquisa e através do nosso memorial mostramos a motivação da realização do estudo. Em seguida, efetivamos uma revisão bibliográfica acerca da literatura infantil e juvenil, narrativas orais, tradição oral africana e os contos, como principal gênero literário nas contações de histórias, para analisar a relevância da temática.

No capítulo 2 - *Da narrativa oral à literatura infantil e juvenil*, para maior compreensão sobre a literatura infantil e juvenil e as tradicionais narrativas orais foi preciso realizar uma síntese histórica do surgimento desse gênero, apresentando uma reflexão acerca de sua importância à formação do sujeito-leitor ou ouvinte.

E no capítulo 3 – *Os contadores de histórias griots*, procuramos entender quem realmente são os griots na tradição e como são constituídos na contemporaneidade, principalmente, nas narrativas infantis e juvenis, para darmos prosseguimento a análise da obra em destaque e como é representada a figura griot como protagonista na obra *O fantástico mistério de Feiurinha*, de Pedro Bandeira.

No capítulo 4, uma vez obtida a identificação do griot, apresentamos a importância das narrativas infantis e juvenis, por serem disseminadoras dos contadores de histórias griots como guardiões da história e da memória, por meio da oralidade, considerado por vários autores infantis e juvenis uma forma de demonstrar o contexto histórico influenciado pelos africanos e suas variadas formas de conservar a história de seu povo.

Por fim, apresentamos, nas considerações finais, informações pertinentes quanto à formação leitora e ao estudo da história e cultural da África e afro-brasileira, ao provocar rupturas dos velhos paradigmas na reestruturação da proposta de se reinventar a partir do ato de narrar. Enfim, a trajetória do contador como protagonista é desenvolvida a partir das nossas implicações pessoais, registradas no decorrer do capítulo.

1.1 NARRATIVAS DE SI: LUGAR DA MINHA MEMÓRIA

Meu nome é Eliene Dias Bispo, filha mais velha de uma família humilde, com 4 irmãos por parte de pai e mãe e 6 por parte de pai. Nasci em Campo Formoso-BA, em 1981. Meus pais fizeram apenas o primário incompleto, porém, meu pai, mesmo não tendo frequentado muito a escola, era perceptível que gostava muito de ler, principalmente a Bíblia, um dos seus favoritos.

Comecei a lê-la, ainda criança, no meu quarto, antes de dormir, e esse é um amor que tenho até hoje em ler. Nos momentos ruins me fortalece e vejo quanto Deus é fiel para quem crê em suas palavras. Faz parte de mim as palavras ali escritas. É minha história, pois é o caminho que tento seguir.

Na minha formação de vida pessoal, desde meus 8 anos de idade, já cuidava da casa e dos meus irmãos para meus pais trabalharem. Nunca tive tempo de ir além da sala de aula para aprofundar nos estudos, e quando praticada, era por obrigação solicitada pela escola e não por prazer ou curiosidade, somente fazia as atividades de casa à noite, quando minha mãe chegava do trabalho e pronto, nada mais além disso. Considerando o que Elias José (2012, p.47) afirma sobre leitura por hábito ou prazer:

Considerando que o hábito é coisa imposta e não amada pela criança (hábito de escovar os dentes, de lavar as mãos antes das refeições, de andar calçado e vestido), as palavras prazer ou gosto se aproximam mais do que sentem as pessoas que lêem [sic] literatura constantemente, sem qualquer obrigação.

Recordo-me de minhas leituras serem impostas pela escola e muito distante da minha realidade. A leitura por gosto ou prazer, dificilmente, eu tinha contato, apenas à Bíblia considero, conforme o autor acima citado, a leitura sem obrigação e sim por desejo, gosto, prazer e curiosidade.

Rememorar minhas histórias sempre está no que meu pai dizia: “Para pobre e preto o estudo é uma ferramenta para tudo melhorar”. Meu pai é minha representação de quem sou hoje, suas histórias de vida e resistência não foram das mais fáceis, por ser negro e pobre, mas mesmo assim seu sorriso no rosto era radiante, não reclamando da vida e sempre com esperança no olhar de uma vida melhor.

Por saber que o incentivo à leitura tem que partir do ambiente familiar, não culpo minha família de não me influenciar à leitura, pois, meu pai e minha mãe estudaram

apenas até a 4ª série, e a prática pedagógica referente à leitura, em suas épocas, foi pior em sala de aula do que a minha. O aprender a ler era apenas para decodificar e assinar o nome. E, ao constituírem família, o trabalho para sobrevivência dos filhos era mais importante do que estudo e a leitura, não sabendo eles que a leitura nos faz olhar diferente toda a nossa trajetória.

Como já sabemos, é cultural na história brasileira nas classes dos menos favorecidos o desinteresse pela leitura, pois é considerável que a criança entra em contato com o ato de ler apenas na escola. A família quando é analfabeta e não tem o hábito ou o prazer de ler torna os livros insignificantes.

Uma vez que sempre tive gosto pelos estudos, como fonte de desejo, meus pais sempre se preocuparam com minha formação escolar. Retomando meu pai (in memória), mais uma vez, sempre o admirei muito, pois ele nos aconselhava: “a única coisa que posso dar é comida e os estudos, por isso se dediquem meus filhos”, destacando sempre a importância de um pobre e preto estudar para conseguir uma vida melhor. Percebendo sua tristeza de não ter tido a oportunidade que estava nos dando, por tudo que passou, uma delas foi ter que trabalhar quando jovem, apenas para conseguir dormida e comida, sua alegria radiante por conseguir proporcionar-nos o aprendizado, alimentação e moradia, motivava-me. Por isso, sempre terei meu pai como exemplo, sempre.

Nessa perspectiva, passo a compreender que essa experiência de narrar, relatando as histórias vividas, é relevante por estarmos mais acostumados a narrar e refletir o outro, a cultura do outro do que a nossa cultura e sobre nós mesmos. Um grande desafio, nada fácil, pela minha pouca experiência vivida no mundo leitor crítico. Impossível contar minha história sem tomar distância do meu contexto cultural e familiar. O que ficou guardado na memória tornou-se um autoconhecimento de mim mesma.

Enquanto a minha condição leitora como conhecimento cultural em meu percurso escolar e familiar foi muito mecânica, antes de fazer parte da universidade, tinha um olhar diferente sobre leitura, mas agora entendo que a leitura, não passando da fase de codificação e decodificação, é algo tedioso, uma visão distorcida do que é ler.

A leitura crítica, conforme Lúcia Pimentel Góes (2010, p.62), sempre foi distante da minha realidade. Para essa autora a leitura crítica seria:

Leitor crítico – fase total do domínio da leitura em que o desejo de saber se entrelaça com o viver, o convívio com a leitura extrapola a fruição do prazer e o leitor se entrega à reflexão para atingir a visão de mundo presente na leitura.

No período da entrada no espaço escolar, fui uma criança muito envolvida em leituras, talvez por não ter tempo e por não saber ler com um olhar crítico das coisas, conforme a citação acima. Não me recordo na infância de ter lido algum conto, clássicos, algo assim, com reflexões sobre o meu mundo, infelizmente.

Em 1988, comecei com 6 anos de idade a minha vida estudantil, na cidade de Campo Formoso. Recordo-me pouca coisa da escola e dos professores, mas lembro do fardamento listrado branco com azul, uma gravatinha vermelha, sapatinho preto com meia branca até o joelho. Não esqueço, parecia roupa de marinheiro, linda. Porém, só estudei a 1ª série, pois meu pai estava com dificuldade de sustentar a família. Então, fomos morar em Cuiabá – MT. Chegando lá, tive que fazer a 1ª série novamente na Escola Estadual Primeiro e Segundo Grau Antônio Epaminondas, por motivo de o estudo iniciar apenas com 7 anos. Era tudo novo, escola, cidade, casa, foi muito interessante.

Na segunda série, mudei de colégio, novamente. Meus pais moravam de aluguel e mudamos para bem distante da antiga escola, estreando outra história na Escola Estadual de I e II grau João Brienne de Camargo. Lá, vivenciei uma história longa de 9 anos e foi neste local que cheguei e concluí o ensino fundamental e médio. Sinto saudades dos amigos e professores que lá deixei. Sempre fui dedicada aos estudos e, na maioria das vezes, sempre tive notas boas, mas, infelizmente, não me recordo de ter lido obras literárias como algo prazeroso ou com o olhar crítico. Leituras realizadas apenas para decodificação, copiar e colar.

Em 1999, finalizei o ensino médio e, em 2000, me casei e voltei para a Bahia, porém, não mais para Campo Formoso – BA, local de origem, e sim para Jacobina - BA, iniciando, novamente, o ensino médio, em 2001, finalizado em 2004, no Colégio Municipal Gilberto Dias Miranda, pois sempre gostei de estudar e o ambiente escolar era o meu refúgio de paz.

Minha itinerância formativa num lugar distante do meu faz-me recordar dos contatos com a escrita fora do ambiente escolar. Quando morávamos na cidade de Cuiabá –MT, meu pai nos levou à procura de uma vida melhor e as narrativas estavam bem presentes em meu contexto por sempre escrever cartas para os familiares e

amigos que moravam aqui na Bahia. Amava contar para todos minha vivência de lá e expressar o sentimento de saudades que tínhamos do nosso povo e do nosso lugar, bem como saber como estavam por aqui.

Já a relação com a leitura acontecia com as trocas de correspondências e leituras de poesias, músicas, registros de homenagens de amizade com colegas da escola quando escritas em cadernos, em que cada um tinha o seu para trocar mensagens, poesias, canções, dentre outros. Segundo Elias José (2012, p.42), é “pela memória, mantemos vivas as tradições orais, daí a importância que as sociedades primitivas sempre deram aos contadores de histórias”.

Ao visitar meus avós no interior da Bahia, gostava muito de sentar em círculos na frente da casa do meu avô, durante a noite, para realizar leituras e contá-las aos meus amigos e primos como forma de entretenimento. Os meus avós são descendentes de índios com negros, mas sempre tive pouco contato com eles na infância por morar distante, mas sempre quando podia visitá-los, suas histórias me fascinava, porém, nunca soube o quanto suas narrativas e tradições culturais faziam parte também da cultura africana e indígena, sendo muito importante hoje para mim esse conhecimento adquirido no ambiente acadêmico sobre minha identidade.

Depois de terminar o 2º ano do ensino médio, em 2004, fiquei um bom tempo sem estudar. O trabalho no comércio, os filhos e os afazeres da casa não me deixavam pensar ir além, até ficar desempregada por não ter quem olhasse minha filha pequena, fiquei. Então, decidi participar do cursinho Universidade para Todos (UPT), no ano de 2013. Passei no vestibular, ingressando na UNEB em 2014.1.

Quando comecei a faculdade, tudo era novo, tinha entusiasmo e, ao mesmo tempo, muito medo de não conseguir finalizar. Agora tenho alegria, deleite, curiosidade no que estou fazendo, mas o que me deixa angustiada é o fato de não aproveitar 100% do curso por motivo de tempo, mas tento aproveitar todos os momentos que me oportunizam a conhecer e a aprender. Hoje me sinto uma pessoa mais crítica de mim mesma e do meu contexto cultural, valorizando mais as leituras e as heranças culturais, principalmente as histórias contadas pelos meus avós.

Sem muita experiência e prática leitora com criticidade, foi muito árduo ao chegar à Universidade, pois as leituras em meu tempo escolar eram apenas para decorar, copiar e colar, nada reflexivo ou crítico para compreender e explicar com minhas ideias e palavras, tudo era o professor e o livro didático como correto. Assim, exigia de mim um esforço maior, em comparação aos outros colegas, para um melhor

desenvolvimento nos trabalhos acadêmicos, como também agora, em meu trabalho de conclusão de curso. Como Compagnon (2009, p. 41) afirma:

A literatura deve, portanto, ser lida e estudada porque oferece meios de preservar e transmitir a experiência dos outros aqueles que estão distantes de nós no espaço e no tempo, ou que deferem de nós por suas condições de vida. Ela nos torna sensíveis ao fato de que os outros são muito diversos e que seus valores se distanciam dos nossos.

Conforme a citação acima, nas disciplinas ofertadas do curso, comecei a ter um novo olhar nas leituras literárias e temáticas que envolvessem meu contexto cultural, entendendo que ler variadas vozes literárias e ter excelentes mediadores contribuem muito para mostrar como é a verdadeira leitura e como é importante a prática leitora crítica e prazerosa.

Sendo assim, como eu e minha amiga Luciana Freire trabalhamos sempre juntas durante o curso e o desejo pela temática era igual, decidimos seguir juntas nesse trabalho final de curso, esperando que, de uma forma prazerosa e crítica, possamos responder o objetivo da pesquisa.

1.2 REMEMORANDO MINHA HISTÓRIA

Diante da possibilidade de narrar minha trajetória acadêmica, devo fazer uma retomada memorável da minha história de vida. Segundo Kaercher (2001, p.83):

O ato de ouvir e contar histórias está, quase sempre, presente nas nossas vidas: desde que nascemos, aprendemos por meio das experiências concretas das quais participamos, mas também através daquelas experiências das quais tomamos conhecimento através dos que os outros nos contam. Todos temos necessidade de contar aquilo que vivenciamos, sentimos, pensamos, sonhamos. Dessa necessidade humana surgiu a literatura: do desejo de ouvir e contar para, através desta prática, compartilhar.

Esse é um fato que exige uma ação complexa de rememorar e relembrar sobre etapas concretas de minha vida.

Sou Luciana dos Santos Freire, nasci em 23 de setembro de 1984, na cidade de Jacobina-Bahia. Fui criada no seio de uma família simples e muito amorosa, cujos valores eram o respeito ao próximo. Posso afirmar que tive uma infância feliz e regada

a muito amor e carinho por todos da minha família. Não tive um acompanhamento de um pai, pois o mesmo faleceu quando eu tinha apenas nove meses de nascida.

Minha mãe e minha avó sempre me oportunizaram uma vida confortável e sempre me incentivaram em meus estudos. Minha avó gostava de contar as histórias dos seus antepassados e como ela morava na roça, nos finais de semana, sempre reunia os filhos e netos e era uma festa. Lembro-me de que ela gostava de relatar que nunca deveríamos abandonar os estudos, pois assim teríamos a oportunidade de ser alguém na vida. Só ela sabia o quanto foi sofrido viver sem saber ler e escrever. Afinal, ela era analfabeta e o desejo dela era que seus filhos e netos não tivessem que trilhar pela árdua vida que passou.

Neste clima, passei minha infância, e aos sete anos de idade ingressei na Escolinha Batista Missionária de Jacobina. No início, houve turbulências, pois eu não gostava do espaço escolar, mas aos poucos fui me adaptando. Ao concluir o primário, mudei de escola e fui estudar na Escola Luiz Anselmo da Fonseca. Lá, fui totalmente alfabetizada e encerrei esse período sem nenhuma reprovação. Lá, descobri, também, minha maior vocação: tinha bastante habilidades para área de artes, gostava muito de pintar e desenhar. Quanto à leitura, não lia com muito entusiasmo. Por ser uma pessoa muito tímida, não gostava de ler em público, e quando a professora solicitava uma leitura, eu ficava com medo e vergonha. Mas, em casa, sozinha, eu sempre gostei de ler. Minhas brincadeiras prediletas era de escolinha.

Ingressei no ensino fundamental no Colégio Centro Educacional Deocleciano Barbosa de Castro onde também concluí o ensino Médio na Modalidade Normal, o antigo (magistério). Ao longo do ensino fundamental, fui ganhando conhecimento no âmbito da literatura, mas confesso que era uma atividade mecânica, as leituras das obras eram impostas apenas para que no final apresentássemos um resumo ou uma dramatização. Ainda, assim, eu gostava, afinal, aquele era um trabalho diferente da rotina diária das outras disciplinas.

Sempre fui uma boa aluna, nunca fui reprovada, e meu comportamento sempre foi excelente. Assídua às aulas e muito interessada, ingressei no Magistério, no ano 2000. Durante esse período, passei a ter um contato maior com o mundo da literatura, afinal, estávamos num curso de formação e tínhamos que saber mediar esse conhecimento durante os estágios supervisionados. Recordo-me de uma disciplina: Metodologia da Literatura, que eu me identifiquei bastante. A ementa era a realização de um projeto chamado *Quem conta um conto ganha um ponto*, então, considerei a

proposta muito interessante e passei a mergulhar na leitura de vários contos, todos na área das literaturas infantis e juvenis, afinal, estavam nos preparando para realizar os estágios supervisionados em creches e escolas.

Ao final do projeto, ganhamos uma coletânea de livros de contos da Coleção *Literatura em minha casa*. Como eu era próxima da bibliotecária, ganhei duas coleções completas. Gostei tanto que as tenho até hoje. Grande parte desse material, utilizei como recurso em meu planejamento de estágio.

Quanto ao conhecimento de obras literárias canônicas, estas foram escassas, pois não possuía acesso fácil a essas leituras. Na biblioteca do colégio até havia, mas eu não possuía o desejo e a inquietação de ler. Só as lia quando eram solicitadas pelos professores para responder uma avaliação ou apresentar um trabalho. Lembro-me de que o primeiro romance que li foi a obra *Senhora*, de José de Alencar. Confesso que não foi uma leitura fácil, afinal, eu não estava familiarizada com esse tipo de leitura.

Antes de concluir o magistério, comecei a cursar o ensino médio normal em outra escola, no Colégio Gilberto Dias Miranda. Concluí o ensino médio em 2004, no magistério, e 2005, no médio normal. Senti uma grande vocação para atuar nesse campo educacional da educação infantil. Realizei o curso com sucesso e obtive êxito ao ser avaliada pelos professores e supervisores dos estágios.

Os ensinamentos que obtive proporcionaram-me uma boa formação na área da educação nas séries iniciais e logo após a conclusão do curso, ingressei no mercado de trabalho na área educacional, começando assim uma nova etapa da minha vida, que exigia um contato maior com a leitura.

A necessidade e a obrigatoriedade de obtenção de um currículo profissional mais amplo me fizeram optar por realizar o curso de Pedagogia, na Unopar, em 2010. Iniciei o curso, mas não me senti motivada para continuar, por ser um curso à distância. Não me despertou interesse e acabei desistindo do curso. Em 2013, optei por estudar no Cursinho Universidade para Todos, que me auxiliou a ganhar um amplo desempenho de conhecimentos e informações, as quais foram me possibilitando ingressar na Universidade do Estado da Bahia, no curso de Licenciatura em Letras e Literaturas da Língua Portuguesa. Em 2014, deu-se início a minha trajetória acadêmica. Um espaço novo, desafiador, uma forma inovadora de ensino, confesso que me causou insegurança, mas graça aos vínculos de amizades que conquistei, consegui superar todos os obstáculos. Em meio a essa experiência acadêmica, fiz

laços de amizade que me possibilitaram conhecer Eliene Dias. Ingressamos na mesma turma e trilhamos o caminho acadêmico, sempre em conjunto, e como já mencionamos anteriormente, essa foi a principal motivação que nos levou a escolha desta pesquisa e aqui estamos no intuito de finalizar mais uma etapa do percurso acadêmico .Nossas participações como estudantes do curso de Letras foram respaldadas em dois momentos distintos : o primeiro quando no matriculamos no curso de extensão do projeto *Contação de Histórias nos Hospitais* e , no segundo momento, quando realizamos oficinas na função de contadores de histórias em ambientes formais e informais, com ato de projeção da história.



Imagem 2: Fotografia do livro *O mundo da criança* (1949, p.2-3).

2 DA NARRATIVA ORAL À LITERATURA INFANTIL E JUVENIL

Neste capítulo, tencionamos contextualizar as tradicionais narrativas orais, desde a literatura infantil e juvenil, no que diz respeito ao surgimento desse gênero, com direcionamento a uma reflexão sobre a condição da vida e formação do sujeito leitor /ouvinte além dos muros da sala de aula.

Entretanto, para a ampliação do conhecimento, faz-se necessário mostrar que a literatura infantil /juvenil corresponde à fase inovadora no século XVIII, no Brasil, quando a elite percebe a criança como idade diferenciada, que necessita de uma educação especial, permitindo o acesso, desde os clássicos de origem europeia até os causos da cultura afro-popular brasileira, com as devidas traduções e adaptações ao contexto do cotidiano familiar e escolar de criança, que se configurava em um ritual estabelecido.

Na maioria dos textos lidos, percebemos que as crianças pertencentes à classe burguesa tinham conhecimento das obras clássicas, como: Perrault, Irmãos Grimm, Andersen, que figuravam entre os autores mais lidos, com viés de interfaces de saberes interdisciplinares. Apesar de que as minorias também tinham contato com outras literaturas e outras narrativas orais na sua comunidade ou no seio familiar.

No cenário das traduções contemporâneas, a figura das crianças passa a ser contemplada no auge do século XVIII, onde começa a ser percebida como um ser “diferente” do adulto, voltando-se para um novo olhar sobre as etapas da vida, as brincadeiras do mundo infantil, contribuindo, assim, para uma postura distinta do indivíduo.

A coletânea na literatura infantil brasileira surgiu no final do século XIX. Antes disso, os poucos livros que circulavam eram representados por edições portuguesas, que, coincidentemente, registrava o processo de abolição da escravatura, fazendo referência aos vários elementos cujas representatividades estão pautadas na imagem do Brasil em plena modernização.

Vale mencionar que no Brasil a produção escrita literária se iniciou com Lobato, considerado um dos maiores escritores brasileiros e inovadores, cujas obras abordam questões nacionais, sociais e morais, visto que estabelece a transposição do pensamento literário. Leva-se em conta que o eixo temático da literatura infantil encontrava-se centrado num determinado público-leitor, que não tinha acesso ou contato com tipologias literárias de encantamento ou sedução, desconhecendo o foco da contação de histórias.

As narrativas infantis são apresentadas em diversas tipologias: conto de fadas, contos populares, novelas, lendas, fábulas, apólogos, que se convergem em contos. Nesse sentido, Nelly Novaes Coelho (2000, p.27) afirma que:

A Literatura Infantil é antes de tudo, Literatura, ou melhor, é arte fenômeno de criatividade que representa o mundo o homem, a vida através das palavras. Funde os sonhos e a vida prática, o imaginário, o real, os ideais sua possível/impossível realização.

A literatura infantil se materializa como fenômeno criativo e, ao mesmo tempo, traz contribuições significativas para a formação integral do homem, tornando-o crítico e reflexivo.

Cademartori (2010) focaliza a literatura infantil sobre o formato de encontro cujos homens têm a oportunidade de ampliar, transformar ou enriquecer sua própria experiência de vida. Já em outro aspecto, é contemplado por Coelho (2000, p.16) da seguinte forma: “Ao estudarmos a história das culturas e o modo pelo qual elas foram sendo transmitidas de geração para geração”, verificamos que, sob o viés da literatura infantil e juvenil, o trabalho com a literatura infantil e juvenil funciona como instrumento para formação de leitores.

No rastro das muitas produções da época, a Literatura surge não só como veículo de manifestação de cultura, mas também provocador de novas ideologias, promovendo o registro da própria experiência de vida, em que há uma tentativa de aproximar a literatura infantil e juvenil ao leitor, independente de sua idade ou gênero.

Diante disso, os Parâmetros Curriculares Nacionais (BRASIL,2007, p.29) estabelecem:

A literatura não é cópia do real, nem pouco exercício de linguagem, tampouco mera fantasia [...]. Se tomada como uma maneira particular de compor o conhecimento, é necessário reconhecer que sua relação com o real é indireta. Ou seja, o plano da realidade pode ser apropriado e transgredido pelo plano imaginário como uma instância concretamente formulada pela mediação dos signos verbais (ou mesmo não - verbais conforme algumas manifestações de poesia contemporânea)

Ainda assim, a literatura infantil tem multiplicidade de sentidos, que devem ser considerados para o leitor iniciante, como pistas ou estratégias a serem vencidas ou mesmo como possibilidades de oportunizar um olhar distinto sobre o mesmo ângulo ou retomar a sua posição de leitor independente. Nessa condição, Lajolo (1999, p.24) nos referenda:

Tanto a criança à qual se destina a literatura infantil é uma construção, quanto o jovem ao qual se destina a literatura juvenil é outra construção, ambas sociais. E, na condição de satélites de construções sociais, tanto infantil de uma quanto juvenil de outra são conceitos instáveis: o que é literatura infantil em determinado contexto, pode ser juvenil em outro e vice –versa.

Ao passo que Cademartori (2010) nos afirma sobre a existência de ligação entre a literatura infantil e a educação, no referente ao incentivo da leitura na infância, além de nortear a formação leitora paralela ao aprendizado que a leitura venha

proporcionar, tanto no seu contexto social e cultural, e na influência das fases de vida do sujeito.

Decorrente do pensamento de Coelho (2000), vimos que a literatura infantil tem destino específico como pré-leitores, leitores iniciantes e leitores em processo, os infanto-juvenis para leitores fluentes, e juvenis para leitores críticos. Além do que, pode oportunizar um desenvolvimento crítico que possa refletir de forma consciente e complexa na realidade real do sujeito.

Segundo Góes (2010, p.46), “para a educação da sensibilidade [...], para ética ou a arte de conviver, viver com o outro, no espaço da casa ou nos espaços comuns e escolares. [...]”. E ainda, conforme a autora:

A dimensão lúdica aberta pela literatura permite ao receptor, criança, jovem ou adulto, a livre reflexão e posterior ação sobre a realidade e uma atitude espontânea para estar e fazer parte do universo criado pela palavra literária[.]concorre para a formação desse ser em desenvolvimento, pelo fascínio e encantamento de transitar entre a realidade e a fantasia [...]. (GÓES, 2010, p.71).

Ao vislumbrar a situação de convívio de leitor/livro, faz-se necessário uma aproximação entre o fator sensibilidade e ética para que os espaços se tornem comuns para as pessoas, no sentido da convivência social.

Por conseguinte, entendemos que a leitura como motivação e tradição cultural traz em seu bojo o desenvolvimento de novos pensamentos para desfazer possíveis estereótipos e, conseqüentemente, valorizar as antigas narrativas como fonte cultural de um povo, que se faz presente desde da tradição oral até as narrativas construídas no dia a dia de suas vivências. Nesse sentido, apresentamos no ponto posterior um abordagem sobre a tradição oral nas narrativas infantis e juvenis.

2.1 A TRADIÇÃO ORAL NAS NARRATIVAS INFANTIS E JUVENIS

Ao analisarmos a concepção da palavra *tradição*, de origem no termo em latim *traditio*, que significa “transferir”, “transmitir”, e que se traduz como transmissão de costumes, comportamentos, memórias, crenças e lendas de geração em geração e que corrobora com as variadas tipologias e características particulares, aponta a complexidade de uma única definição para *tradição oral*.

Embora na visão de Vansina (2011, p.142) “as tradições são também obras literárias e deveriam ser estudadas como tal, assim como é necessário estudar o meio social que as cria e transmite a visão do mundo que sustenta o conteúdo de qualquer expressão de uma determinada cultura”, resultando na influência especificidade da cultura em determinados sujeitos na sua relação com o seu local de origem.

Permeado por narrativas ou tradições orais, percebemos que são denominadas como arte milenar, muitas das vezes praticadas pelos contadores de histórias em todo o mundo, embora as narrativas originadas da cultura europeia permitem a omissão da tradição africana, que também se faz presente no nosso contexto cultural e histórico, com resultado do nosso processo de colonização.

Como nos apresenta Araújo (2017), professora e pesquisadora, em sua dissertação de mestrado na UNEB/Jacobina, as narrativas orais são experiências particulares visíveis ao próprio contador que, no ato de contar, mistura e condensa o irreal com o real, que se revelam nas concepções de mundo de cada sujeito.

Nesse ínterim, é preciso considerar as narrativas orais como expressão cultural, devido ao fator da expressividade, tanto cultural quanto tradicional, que se permeiam em valores de uma época e repleto de diversidade, valorizadas ou não. Tomamos o conceito de Bonvini (2001, p.39) quanto ao aspecto *tradição*:

A palavra ‘tradição’, portanto, só adquire seu significado pleno quando se refere a essa dimensão espaço-temporal da experiência do grupo: ela se enraíza no passado para permitir ao vivido de hoje orientar-se, sem descanso e por meio de um mesmo impulso, para o amanhã. A tradição só pode ser um ato de comunidade. Ela faz corpo com ela. Ela faz ser de novo aquilo que ela foi e aquilo que ela quer ser. Assim nos parece ser a profunda dinâmica da tradição oral na África negra.

Acreditamos que tal preocupação quanto à transmissão da tradição na oralidade é que o ser humano constrói seu contexto cultural em uma comunidade e por meio da palavra a sua identidade também é construída. Contudo, a tradição já não se esgota só no sentido de repassar histórias, mas também na construção de uma cultura de um povo, de tempos em tempos, fazendo jus à ancestralidade no que diz respeito à palavra como instrumento de poder, conforme Bonvini (2001).

Em decorrência da perpetuação da tradição oral, tanto nos livros infantis quanto no imaginário dos leitores / ouvintes de muitas gerações, estão presentes nas memórias tantas histórias como as das narrativas recriadas, que ora se apresentam e adquirem força expressiva nos livros de caráter formativo.

Diante das nossas tradições orais, desde os nossos ancestrais, as histórias lendárias também devem ser preservadas na memória, uma vez que na literatura ocorre uma consagração de culturas e histórias vinculadas ao ciclo cultural europeu e, por consequência, as lendas afro-brasileiras foram incorporadas e ainda se apresentam como uma supervalorização da escrita em detrimento da oralidade. Contudo, Vansina (2010, p.139) traz uma abordagem diferente:

Uma sociedade oral reconhece a fala não apenas como um meio de comunicação diária, mas também como um meio de preservação da sabedoria dos ancestrais, venerada no que poderíamos chamar elocuições-chave, isto é a tradição oral. A tradição oral pode ser definida, de fato, como um testemunho transmitido verbalmente de uma geração para outra.

Partimos do pressuposto de que a tradição oral se caracteriza pelo movimento de repetição de histórias já ditas e do movimento da rememoração do passado e o presente, no que diz respeito à memória coletiva de uma sociedade, que se explica a si mesma, adequação que se incorpora ao repertório do sujeito de acordo com o poder da palavra (VANSINA, 2010).

Por isso, entendemos que os gêneros literários originados da tradição oral que se encontram nas figuras dos griots como transmissores e ou assumem a autoria da história para estimular possíveis sujeitos em momentos e contextos ampliados, mas que objetivam influenciar na construção de saberes e valores instituídos.

2.2 O CONTO COMO PRINCIPAL GÊNERO LITERÁRIO NA CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS

É de fundamental importância tomarmos conhecimento de que a arte de contar histórias se realiza através das narrativas orais. A existência da figura dos contadores como protagonistas envolve, numa forma de espetáculo, os ouvintes, no mais intenso encantamento, e com interação entre o contador e seu público. As experiências são rememoradas, revividas e ressignificadas, trazendo à tona um passado que se faz presente.

Em vista dos argumentos apresentados por Busatto (2007, p.64), concordamos com o mesmo em relação ao poder simbólico da imagem atrelada ao ato de contar histórias:

[...] Contar histórias implica criar imagens no ar e dar corpo ao que até então era inexistente. No instante em que o contador de histórias movimenta-se no espaço criando cenários, personagens e ações, com gestos diminutos ou ampliados, ele não está só conduzindo o nosso olhar para o que ele está gerando, mas também provocando a ilusão de que aquilo de fato existe. Mas para o imaginário, essa ilusão é real.

Acatamos a ideia de que o conto seja a forma adequada para o uso dos contadores de histórias que utilizam as narrativas como instrumento para convencer, seduzir e provocar a curiosidade, seja pelo entendimento ou na proximidade de suas experiências para se fazer entender no mundo.

Levando em consideração o pensamento de Goés (2010), foi possível entender a origem dos contos como as formas mais utilizadas pelos contadores para narrar suas histórias, ou contar “causos”. No entanto, a palavra *contar* vem do latim *computare*, que significa contos dos fatos. Assim, o seu surgimento vem dos mitos e lendas que consistiam na preservação da tradição oral e a garantia de uso pelas práticas no cotidiano, seja no estágio de narrar, ou nos resultados das experiências transmitidas aos pares.

O Dicionário Aurélio (FERREIRA, 1986, p. 465) traz a acepção *conto* tanto como narrativa falada quanto escrita e, ao mesmo tempo, referencia o contexto histórico da criação do conto até as práticas da oralidade, sem desmerecer a transitoriedade das mudanças ideológicas e os fins sociais das narrativas. Por outro lado, Elias José (2012). afirma que o conto não é apenas uma narrativa oral, mas também o conto pode ser uma narrativa escrita.

Como diz Marta Morais Costa (2013), o conto é uma narrativa curta e sua fórmula serviu e serve até hoje na atualidade, pois a literatura infantil e juvenil auxilia na pouca experiência de leitura e na dificuldade de interpretações da criança. Embora na visão de Cardematori (2010) haja outras exemplificações e modelos de narrativas infantis que se apresentam sobre modalidades diversificadas, como: conto de fadas, contos populares, lendas, fábulas, apólogos, ou o que, simplesmente, as que são conceituadas como contos.

Ao comentarmos sobre a validade e a importância do conto, no tocante ao aspecto da memória, trazemos um retomada da origem do conto e da validade dos princípios embutidos nas suas histórias, por meio da língua falada, que se torna dinâmica, fazendo analogias com o caráter mitológico e o próprio ritual da narrativa. É

pertinente levar em conta que o conto vulgar, desde suas origens históricas, religiosas e culturais são utilizadas como forma de incentivo, proporcionando à criança o deleite.

Ao verificarmos que o ressignificar por meio familiar dessas histórias cada vez se torna mais difícil, com tantas transformações, por exemplo, pais que não convivem mais juntos, avós não contam mais histórias para os netos dormirem. No lugar dessas atitudes, a televisão, a internet e o celular são impeditivos que contribuem para o apagamento da tradição oral.

Podemos mencionar que, ao contar ou ouvir a nossa história, torna-se possível realizar uma aproximação da realidade no ato de (re)produzir novas histórias ou construções como objeto cultural de um povo. Como diz Bettelheim (1980), os contos tradicionais falam ao ego em germinação, oferece estrutura e força para a lida com as adversidades da vida cotidiana. Ainda, assim, o mesmo argumenta:

[...] A criança, à medida que se desenvolve, deve aprender passo a passo a se entender melhor; com isto, torna-se mais capaz de entender os outros, e eventualmente pode-se relacionar com eles de forma mutuamente satisfatória e significativa. [...] e através dos contos de fadas pode-se aprender mais sobre os problemas interiores dos seres humanos, e sobre as soluções para seus predicamentos em qualquer sociedade, do que com qualquer outro tipo de história. [...] (BETTELHEIM, 1980, p.12-13).

É importante salientar que os contos de fadas na contemporaneidade já figuram como os mais lidos e contados para crianças, embora, antigamente, já houvesse essa prática. Hoje, as histórias contadas oralmente recebem uma atenção tanto por parte dos professores quanto das instituições, seja em grupos, reuniões, no campo ou em qualquer outro lugar.

Por outro lado, a forma original destes contos influenciados pela cultura europeia trazia temáticas, tais como: adultério, incesto, canibalismo e morte. Entretanto, trazia embutido ideias implícitas: o desejo de instruir e não de entretenimento. Além de que, as mesmas histórias estimulavam o caráter simbólico para as jovens que sonhavam em conhecer o príncipe encantado e ou moças lindas e rebeldes, como as protagonistas dos contos de fada.

É relevante saber, segundo Góes (2010), que os contos de fadas foram datados no séc. XVII, mas só foram reconhecidos, posteriormente, quando uma coletânea dos autores Jacob e Wilhelm Grimm, publicadas entre os anos de 1812-1822, cujo título

Contos de fadas para adultos e crianças foi referência para atender uma diversidade de contos. Contudo, no século XVI, o francês Charles Perrault já havia recolhido os contos e lendas francesas, num ato de revisitar contos populares para ampliar a história dos contos de fada.

É mister, ainda, salientar, conforme Góes (2010), que Perrault foi o que mais contribuiu para se ater aos tipos da literatura infantil, tendo marcado em sua época o período da “infância”. Em suas obras, há visivelmente uma preocupação com personagens que não conhecem a moral e a imoralidade. Percebe-se que os contos populares já dialogavam entre si com um enfoque interdisciplinar. Mesmo que a obra aponte um possível desprezo ao povo, com as superstições populares, ironizando e ou marcando pontos de contrastes, ele introduz o povo humilde, os lenhadores... Então, as superstições e as contradições das crises da época são eixos ou pontos de discussão, que são essências das narrativas dos contos de fada.

Nas leituras realizadas, percebemos que suas obras se distinguem por sua imagem majestosa e refinada, que se contradiz com a repressão da época, pois os contos do autor foram marcados pelo *jansenismo* (ideal de educação muito normativo e austero), porém, estava presente a ambiguidade, misturando severidade e indulgência.

A escritora e pesquisadora Katia Canton, autora do livro *Era Uma Vez Irmãos Grimm*, em uma entrevista ao Estadinho, em 29/09/12, diz que:

Os contos de fadas não precisam exatamente ter princesas e castelos. O contar histórias vem desde a pré-história quando a comunicação era contada por meio das pinturas, não existindo a diferença de texto e imagem. As suas experiências de vida eram retratadas dando início a busca de magias fantasias que ajudasse a enfrentar os problemas do dia a dia.

Assim, no entendimento da autora sobre os Irmãos Grimm, não aparece o poder simbólico da imagem e da diferença do texto como unidade, no sentido de que são várias as possibilidades de interpretação.

Na perspectiva de Coelho (2000), os contos de fadas fazem parte dos livros inesquecíveis, que nem o tempo consegue apaga-los, pois a cada geração, são retomados de forma ressignificada, encantando os diversos leitores. Enquanto que Bruno Bettelheim (1980) afirma que os contos de fadas são os mais indicados para

ajudar as crianças a encontrar um significado na vida, pois, ao estimular a imaginação, desenvolver o intelecto, harmonizam-se suas ansiedades e tornam claras suas emoções, que se manifestam de forma enriquecedora, além de ajudar no alívio das pressões vivenciadas.

Mediante as fases da vida, a criança percebe que os contos de fadas não fazem parte da realidade externa, mas deixa-se seduzir por eles porque se harmonizam com sua realidade interna. Ela é conhecedora de que “a verdade dos contos de fadas é a verdade de nossa imaginação” (BETTELHEIM, 1980, p.148), estimulando o nosso olhar para o mundo cheio de simbologias.

É notório, em nossas pesquisas, que os contos de fadas de origem africana ou afro-brasileira não recebem uma valorização voltada para o público infantil, como apresentamos no capítulo anterior sobre os contos europeus. E no desenvolvimento no campo da literatura, marcamos o valor cultural como herança ou uma realidade distante do cotidiano dos personagens a partir de nuances ou de atos de vida diferenciados da realidade brasileira.

É de conhecimento universal que os contos populares são documentos históricos, com uma narrativa autorizada e produzida pelo povo, que se materializa nos contos folclóricos, como: estórias e causos, que são transmitidas oralmente e com predominância de interesses individuais. Contudo, a maioria das histórias transcritas e adaptadas das narrativas europeias foram supervalorizadas, omitindo assim a riqueza e a criatividade do povo brasileiro e dos africanos. Em resumo, houve uma supervalorização de uma em detrimento da outra.

Mesmo que o campo das temáticas e dos eixos fossem sempre prestigiados com base na cultura europeia, vimos que os contos populares apresentam uma estrutura de característica simples, por serem (re)elaboradas sempre pelos contadores de histórias, repassadas a outras gerações. E ao serem ressignificadas pelos escritores griôs, são transformadas e revividas sobre formato oral e escrito, que vão despertar a reelaboração e (re)construção de variadas histórias no dia a dia.

A seguir, vamos abordar o ato de contar histórias pelos verdadeiros autores de suas vivências no contexto histórico de criação e transformação do discurso do descendente do negro na sociedade- griot.



Imagem 3: Ilustração Griot Contos Africanos

Fonte: https://1.bp.blogspot.com/_A8fPA0p6NTE/TBz3OKIKYhI/AAAA, 2018

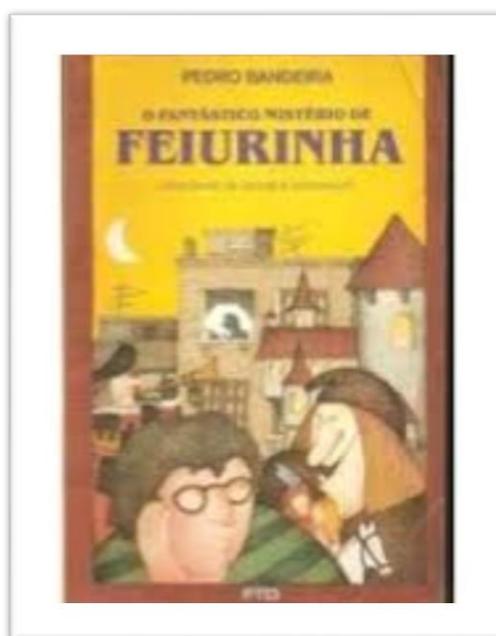


Imagem 4 : Ilustração do livro de Pedro Bandeira (1942).

3 OS CONTADORES DE HISTÓRIAS: GRIOTS

Conforme mencionamos na introdução, para cumprirmos o objetivo geral da pesquisa, propomos um estudo metodológico de cunho bibliográfico, no qual foi o ponto inicial, cujo documento de abordagem é o livro físico, de forma que a pesquisa se constitui qualitativa e exploratória.

Como já foi dito anteriormente, a transmissão de histórias vem dos nossos antepassados, uma tradição de uma cultura passada de geração para geração, por meio da oralidade. E o conto é uma das principais formas tradicionais de narrativas, perpassadas de pais para filhos, de avós para netos, dos anciãos de um determinado grupo.

Neste momento, procuraremos entender quem realmente são os griots na tradição e como são constituídos na contemporaneidade, principalmente, nas narrativas infantis e juvenis, para darmos prosseguimento a análise de como é representada a figura griô como protagonista na obra de Pedro Bandeira.

3.1 (DES)VELANDO O TERMO E PERFIL DO GRIOT

Tentaremos, nesta seção, analisar o perfil dos griots e sua representação no contexto histórico cultural. Sabemos que a tradição oral na cultura africana é bem valorizada até os dias de hoje como em sua literatura africana.

Compreendemos que a arte de contar história é milenar e faz parte de nossa história. A figura do contador de histórias aparece na lenda de uma narrativa de tradição, que proporciona encantamento a todos para recontá-las. O griot torna possível vivenciar através do imaginário a sua realidade histórico-cultural guardada em sua memória.

A tradição africana e os grandes depositários de herança oral também são chamados de tradicionalistas e não devem ser confundidos, conforme Hampatê Bá (2011, p.178-180) nos afirma:

Não se deve confundir os tradicionalistas -doma, que sabem ensinar enquanto divertem e se colocam ao alcance da audiência, com os trovadores, contadores de história e animadores públicos, que em geral pertencem à casta dos Dieli (griots) ou dos Woloso ('cativos de casa'). Para estes, a disciplina da verdade não existe; e, como veremos adiante, a tradição lhes concede o direito de travesti-la ou de embelezar os fatos, mesmo que grosseiramente, contanto que consigam divertir ou interessar o público. 'O griot', como se diz, 'pode ter duas línguas'. Ao contrário, nenhum africano de formação tradicionalista sequer sonharia em colocar em dúvida a veracidade da fala de um tradicionalista -doma.

Nesse sentido, os contadores de histórias ou idosos são chamados na cultura africana por *Griots*, com pronúncia aqui no Brasil de *Griôs*, que são considerados importantes para a permanência da memória cultural africana, pois, transferem conhecimentos e sabedoria, repassam verdades sobre suas histórias passadas, não deixando perder a essência da tradição.

A palavra *Griot* é uma pronúncia inventada pelos colonizadores franceses que se referia à tradução da palavra africana *Jéli* ou *Djéli*, que significava sangue. Já na língua portuguesa, é interpretada como criado. Griô é uma versão abrigueirada da palavra francesa. Assim, Hampatê - Ba (2011, p. 174) afirma que "na tradição africana, a fala, que tira do sagrado o seu poder criador e operativo, encontra -se em relação direta com a conservação ou com a ruptura da harmonia no homem e no mundo que o cerca".

Na perspectiva da cultura africana, as palavras têm muito poder, proporcionando cura ou até provocando outras inquietações, por isso, desde a infância, o griot aprende a usar o seu poder com os mais velhos. Não se menospreza o que é contado, a palavra faz parte do viver.

Para tanto, é preciso sabermos que na busca da resistência como vivência humana para manterem a história e a cultura de seu povo, o contador de histórias griot é um encantador, responsável por guardar e passar a história dos reis e de seu povo que, ao articular, atuam no ato de contar história através de gestos, como: o sorriso, a lágrima, o canto, a dança e até mesmo o silêncio, despertando movimentos que levam o ouvinte a sentir seu próprio centro, o que se entende na verdade ser o seu centro interior, internalizando sua história.

Tendo em vista que o espaço revelado pelo contador de história é considerado, na maioria das vezes, em aldeias africanas, era de costume sentar-se à sombra das árvores ou em volta de uma fogueira para ali passar horas e horas ouvindo histórias do fantástico mundo africano transmitidas, principalmente, por velhos griots.

Entretanto, na concepção dos autores, fica evidente que se o narrador não for tocado pela luz que emana da história que conta, dificilmente ele disseminará essa luz, que é alimentar seu povo, a memória, o conhecimento de sua cultura e a valorização no coração dos que o procuram. Com um livro de informação, guardado na memória, ao longo de seu contexto histórico, vivenciado ao longo da vida, a técnica de transmissão é a narrativa oral, corporal e até musical.

Mediante esse fato, compreendemos que se eles não acreditarem no poder e na sensibilidade das histórias, podem ficar no vazio, sem significados, como os tantos produtos culturais oferecidos pela classe dominante, no sentido de inculcar valores e princípios de uma sociedade diferente dos espectadores da história.

É perceptível que o griot não só serve como contador de histórias, como assume variadas funções na sociedade, com o intuito de valorizar e ressignificar as raízes de seu povo, sendo fundamental para fortalecer a resistência identitária cultural. Com toda essa importância para a cultura africana, os griots ainda aproximam-se da cultura do outro, não excluindo o desconhecido, para que o outro conheça o que sua história cultural traz e o que os ampara para viver com dignidade e buscar o seu “lugar” de direito na sociedade.

No entanto, percebe-se que esses personagens griots, com seus deveres de guardarem na memória e transmitirem adiante a história de seu povo, tem um papel e

função importante para cultura africana, atribuindo deveres de manutenção da sua história na memória do outro.

Diante do que entendemos, foi possível retomar na memória alguns contos que, com o passar do tempo, foram apagados ou por até mesmo nunca terem dado valor em uma determinada época e que em outros momentos é relevante conhecer para desconstruir certas atitudes preconceituosas sobre a cultura do outro, valorizando a história vivida pelos os negros trazidos como escravos para o Brasil. Para Nei Lopes (2004, p.310), em sua enciclopédia, *griot* se define da seguinte forma:

No vocabulário franco -africano, criado na época colonial para designar o narrador, cantor, cronista e genealogista que, pela tradição oral, transmite a história de personagens, e famílias importantes as quais, em geral está a serviço. Presente, sobretudo, na África Ocidental, notadamente onde se desenvolveram os faustosos impérios medievais africanos (Gana, Mali, Songai etc.) recebe denominações variadas: dyéli ou diali entre os Bambaras e Mandingas; guésséré, entre os Saracolês; wambabé, entre os Péules; aouloubé, entre os Tucolores; e guéwel (do árabe qawwal), entre os Ulofes.

É notório que uma das matrizes que certificaram a tradição oral diz respeito às influências dos africanos escravizados que vieram para o Brasil, como músicos, babás, poetas, dançarinos, estudiosos, conselheiros, entre outros denominados contadores de histórias, os aprendiam com os mais velhos, no movimento de dependência de relações de trocas de um lugar autorizado.

Entendemos que a tradição oral na cultura popular brasileira não é tão valorizada como na cultura africana, pois, muitas vezes, nossa história foi embranquecida pela dominância dos colonizadores desde a história cultural brasileira, sendo reforçada em outros espaços, como: nas escolas e universidades.

Ocorrem tentativas nos dias atuais de apropriação de saberes, que podem ou não ser valorizadas, pois se encontram enraizados na nossa história. Todo esse aprofundamento, na história e cultura africana, faz parte de um contexto histórico, que inclui a palavra *griot*, na forma aportuguesada *griô*, mesmo sendo usada em outro sentido.

Nesse contexto, Maria Zilda da Cunha (2009, p.109) diz que “ cada povo soube guardar, na memória do tempo, os seus fatos históricos, nas versões emocionadas do heroísmo, dos feitos gloriosos, nos embates pela vitória, ou nas derrotas tristes da

guerra” , por isso, tudo ela nos remete a algumas sociedades africanas as quais costumavam dizer que quando morria um velho da comunidade se fechava uma biblioteca, pois, em suas memórias, grandes histórias de seu povo são guardadas e transmitidas .Ali, o velho era um personagem de respeito e cuidado, advindo do modelo europeu.

As narrativas das contações de histórias orais, transmitidas por meio de contos de fadas, fábulas, lendas são muito ricas, pois são narrativas muito antigas, que nem sempre existiram nos livros. Elas foram contadas, sendo muitas vezes repetidas, passadas de um local a outro, atravessando além-mar, deixando rastros onde passava, adaptando a compreensão cultural de cada localidade. Segundo Souza (2005, p.85), a tradição oral é:

A tradição oral é guardiã da história e da memória entre muitos povos africanos, sendo preservada, principalmente, por homens sábios, que foram e são responsáveis por manter a memória viva dos fatos e feitos de seus antepassados. São poetas, músicos, dançarinos, conselheiros. Por isso, são denominados, de modo geral, como contadores de histórias.

A ação de contar e ouvir histórias são costumes antigos que os homens de diferentes classes sociais realizavam pelo simples fato de encontrar neste gênero a capacidade de alegrar, emocionar, proporcionando variados sentimentos de quem ouve, fazendo refletir sobre a memória de seus antepassados.

No entanto, entendemos a importância que os griots têm para a África. Estes trazem um novo olhar para os brasileiros, da mesma forma que ressaltam como transferência das narrativas orais de escritores e personagens, além das resistências, e como recurso de formação leitora brasileira.

Na escrita, desde as adaptações, traduções e recontos até os contos modernos, passando pelas paródias, surgem a cada ano novas edições originadas da tradição oral. Sem nunca terem saído totalmente do cenário, os contos de fadas, fábulas, lendas, dentre outros são sempre relidos, contados e revisitados, também, através da intertextualidade.

Recorremos mais uma vez às ideias de Vansina (2011, p. 141), que ressalta que “uma tradição é uma mensagem transmitida de uma geração para a seguinte”, e assim, entendemos que o legado de um comunidade, de um grupo, é eternizado, cuja

tarefa de desenvolver leituras ou contação de histórias em obras literárias infantis e juvenis vem acontecer em sala de aula.

Assim, é provável que, na memória dos alunos de seus familiares mais antigos, estes possam relembrar algumas histórias esquecidas e destinadas a desaparecer com o passar do tempo, pois a história como narração é transformada em sinônimo de memória, encontrando-se em alguns momentos experiências vivenciadas em seu contexto cultural.

No cenário das contações de histórias, é possível por meio tradição oral, promover leituras produtivas em sala de aula, que ocorram um resgate de histórias orais narradas de seu contexto cultural, muitas vezes esquecidas e desvalorizadas por não reconhecer sua verdadeira história, pois compreendemos que os *griots* são responsáveis por proteger e transmitir as histórias de um povo, costumes rurais e urbanos, tradições religiosas, dentre outros, discriminados e embranquecidos pelos seus colonizadores, mas que continuam resistentes à luta através da contação.

3.2 COMO OS CONTADORES GRIOTS SE CONSTITUEM NAS NARRATIVAS INFANTIS E JUVENIS NA CONTEMPORANEIDADE

Trataremos aqui de desvelar o papel dos *griots* nas histórias e como os mesmos se constituem nas narrativas infantis contemporâneas. Recentemente, estão recebendo uma atenção especial para se tornarem contadores de histórias profissionais.

Vimos que, desde os primórdios da humanidade, o ser humano já sentia a necessidade de compartilhar com seus semelhantes suas descobertas, seus sentimentos e suas invenções do mundo. Assim, em decorrência dessa necessidade, foi atribuindo-se a essa prática a constituição de um contador de histórias, que perpetuava seus traços culturais por meio da oralidade. Não havia a escrita, mas havia a palavra.

As histórias eram arquivadas na consciência dos povos, fazendo assim um elo de informações entre a memória e a oralidade. Esse tal procedimento é usado pelos *griots* contemporâneos, que fazem uso do mecanismo da memória para, posteriormente, atribuírem sentidos para o mecanismo da escrita no movimento circular.

Essas tais marcas podem ser percebidas através do universo da história narrada, da origem espacial, do universo dos personagens, da caracterização econômica, dos seres fantásticos e míticos, enfim, em toda a função principal do relato. E, assim, ao longo dos anos, as narrativas foram sendo adaptadas para servir como fontes que cultivava valores e ações da humanidade. E, na contemporaneidade, esses valores ganham um lugar de destaque, ecoado com uma nova roupagem pelas vozes dos modernos contadores de histórias.

Há de se considerar como referência de griot o autor Celso Sisto, natural do Rio de Janeiro. Ele é escritor, ilustrador, contador de histórias do grupo Morandubetá do Rio de Janeiro, ator, arte-educador, mestre e doutor em Teoria da Literatura. É também um crítico e especialista em literatura infantil e juvenil pela Universidade Federal do Rio de Janeiro. Autor de 60 livros na categoria infantil e juvenil. Além disso, é idealizador de diversos grupos de contadores de histórias espalhados por todo o território brasileiro. Podemos definir Celso Sisto com exemplo de um contador de história griô, partindo da afirmativa de Rocha, (2010, p. 109), o qual aborda que:

O contador urbano é aquele que, inserido em uma comunidade de tradição escrita, é portador de um repertório de histórias ancestrais e literárias, memorizadas e aprendidas principalmente pela leitura, pois ocasionalmente aprende pela oralidade. Ele transforma o conto e a narração em uma apresentação artística, o que pressupõe uma situação de apropriação e criação pessoal frutos de aprendizagens geralmente adquiridas em oficinas e cursos de formação de contadores.

De modo geral, entendemos que Celso Sisto tornou-se um dos grandes precursores do grupo de contação de histórias. Partindo das ideias de Rocha, podemos caracterizá-lo, também, como um contador urbano e griot, por trazer a tradição oral africana em suas histórias, pautadas em uma narrativa de heranças hereditárias, repletas de significações e simbologias, que muito nos faz lembrar os antigos contadores de histórias orais, mais precisamente os griots natos.

Embora o principal desempenho de um griot seja reinterpretar e recriar histórias ao longo do tempo, sendo a narrativa oral seu eixo condutor, quando os textos passam a ser fontes escritas, perde-se o desempenho do encantamento do ato de narrar. Como afirma Busatto (2007), o ato da contação de história exige um contato mais próximo com os interlocutores pelas variadas expressões sonoras, corporais e visuais.

Nessa perspectiva, podemos levar em consideração os contadores de histórias contemporâneos, já que não são os mesmos contadores tradicionais, tendo em vista que os espaços culturais e sociais já não são os mesmos. No entanto, não afasta da tradição do contador de história, pois deixa transparecer na escrita as marcas e os atributos identitários da cultura e dos seus ancestrais.

Interessa-nos destacar Paulo Freire (2005), quando este afirma que a leitura de mundo antecede à da palavra, ou seja, desde que nascemos somos leitores do mundo e nossas ações decorrem dessa leitura. E isso é muito importante para inspirar sentimentos, valores, condutas e a celebração da própria vida. Além de ser importante ressaltar que, para ser um contador de histórias infantis, faz-se necessário uma série de pré-requisitos, desde uma bagagem de leitura, ao conhecimento do fazer literário, passando também pelas habilidades corporais e linguagem artística.

Assim, acreditamos que podemos levar em conta que os contadores de histórias da contemporaneidade já não são mais os mesmos da antiguidade, devido aos avanços das novas tecnologias, a urbanização, os avanços da escolaridade, ou seja, os espaços tradicionais para a contação são “repaginados” e criam-se novas performances e técnicas para atrair a atenção do público-leitor.

Na área urbana, não podemos deixar de mencionar o projeto de extensão *Contação de História nos Hospitais*, realizado na Universidade do Estado da Bahia, no Campus- IV, de Jacobina, pela professora Dr.^a Denise Sousa, aberto à comunidade interna e externa, que tem como objetivo, em especial, conhecimento e /ou aprimoramento de como contar histórias, favorecendo a leitura, cultura e entretenimento aos internados nos hospitais, promovendo ampliação de saberes com práticas inovadoras. Em seu blog, *Contação de Histórias em Jacobina*, a Coordenadora do Projeto, Dra. Denise Dias de Carvalho Sousa, relata que “[...]Uma história bem contada deixa marcas profundas em quem a conta e a escuta, mudando seu estado de espírito e vida”. E, realmente, nós, como ex-participantes desse curso, sentimos essas marcas, que foram a motivação para o nosso trabalho.

O projeto *Grão de Luz e Griô*, por exemplo, tem o intuito de retomar as ações e valorizar as tradições afro-indígenas do povo de Lençóis, na Bahia. As contações de histórias envolvem crianças, professores, avós, griots, que trazem a cultura lençoense e o próprio velho griot, que é um educador que faz parte do projeto e tem a missão de educar e fortalecer a cultura identitária brasileira. Oferece variadas atividades para

crianças a partir de sete anos e jovens de 24 anos. E, segundo a coordenadora pedagógica do projeto, Lílian Pacheco (2006, p.44):

O principal registro da tradição oral é a memória vivencial e dialógica, afetiva, cognitiva e motora. É uma memória dançante, cantante, contadora de histórias e conversadora. O Brasil precisa do caminhante (do griô aprendiz) que entrega sua corporeidade, sua pele, sua voz, seus sentimentos, sua palavra divina para gravar a continuidade da história viva da tradição oral. Um caminhante que se entregue à caminhada para ligar os fios familiares e comunitários das redes de transmissão oral.

Portanto, as comunidades quilombolas são também exemplos de existir em seu território contadores de histórias, que guardam em suas memórias toda trajetória de vida dos negros trazidos da África, suas heranças narradas pelos seus ancestrais. Podemos perceber na aula de campo que foi realizado pela professora Marta Alencar na disciplina *História e Cultura Afro-brasileira e Indígena* do curso de *Letras e Literatura* e diante das informações coletadas pelos narradores orais sobre suas histórias vivenciadas no contexto da comunidade quilombola juntamente com as pessoas mais velhas, comprovando assim que são ricas de variados contos, ora transmitidos não só para sua comunidade, como para visitantes, para não deixar cair no esquecimento ou serem apagados da história da comunidade.

No universo de Santaella (2003), no século XXI, os meios tecnológicos oferecem uma diversidade de suportes para as narrativas, sejam elas tradicionais ou não. Partindo desse entendimento, podemos perceber que incluir esse suporte tecnológico é uma forma de encontrar novos caminhos para a contação de história na modernidade.

Desse modo, a poética da voz está sendo mediatizada por esses suportes, para além da presença física de um narrador e de uma nova transmissão de forma idealizada. Não temos a intenção de abolir as formas tradicionais de contar histórias, apenas estamos apresentando que os novos hábitos de narrar permanecem assumindo novas formas.

Ressaltamos que as narrativas orais presentes no contexto atual já não chegam da mesma forma que chegavam aos nossos antepassados, mas ainda permanecem encantando leitores do mundo moderno. Os meios e os modos de ler são muitos, e o leitor pode transitar entre eles, apoderando-se das diversificadas formas de leitura,

pois o importante é viajar no mundo fascinante da leitura da literatura infantil e juvenil por “mundo” diversos.

Um aspecto que merece atenção são os griots na modernidade, que são dinâmicos, pois trazem em seus repertórios os avanços midiáticos acoplados aos ensinamentos dos recursos tradicionais. As narrativas que proliferam nas redes sociais são exemplos nítidos dessa dinâmica, embora apresentem características de caráter tradicional, também, que são reorganizadas na cena contemporânea. As narrativas vão sendo adaptadas aos novos modos de vida, sem perder a essência do heroísmo dos contos de fadas.

Somos conhecedores de que os escritores que produzem a literatura infantil e juvenil negro-brasileira e africana têm um grande valor e assumem nas suas narrativas a interlocução de um griô ou se manifestam como contadores de história, marcando as influências da tradição oral africana e ou os personagens se tornam sujeitos de sua própria história, regressando ao passado para valorização da cultura e trajetória de lutas.

No entanto, podemos citar como exemplo a forma que Pedro Bandeira apresenta suas personagens na obra *O fantástico mistério de Feiurinha*. As personagens da obra são todas princesas dos contos de fadas, apresentadas de acordo com a realidade do presente. No enredo da história, elas estão velhas, gordas e diferentes, previamente, aceitas como uma ruptura com as categorias já estabelecidas nas histórias, como estamos acostumados a ler ou ouvir desde a infância.

Em outro olhar, Busatto (2007, p.77) nos apresenta que:

[..] As histórias que trazem a compressão da cultura e do espírito de um povo mantêm aceso o seu coração mítico. A estrutura literária é forjada por imagens que querem dizer alguma coisa, seja para mim, como para quem existiu antes de mim ou para quem virá depois de mim.

Em outro momento, Pedro Bandeira faz uma releitura dos contos da coletânea dos Irmãos William e Jacob Grimm. As primeiras edições dos textos dos Grimm traziam versões impróprias para a literatura infantil, por serem carregadas de erotismo e crueldade. Esse é um dos fatores que reforçam que os textos eram histórias populares, que têm raízes nas origens e nas narrativas orais.

Em vista disso, podemos aceitar que a tentativa de destruição da oralidade não se concretiza, pois não é possível eliminar as marcas das vozes dos contadores griots,

porque o ato de narrar fortalece a sua imersão na história. Sendo assim, as constituições dos griots modernos estão enraizadas nas performances dos fatores tradicionais. Mesmo ganhando novos meios de apresentações, não deixa de ser amplo fenômeno de comunicação, que se faz presente pelo poder da palavra.

Os modernos contadores de histórias, embora apresentassem características das narrativas orais, chegam de forma bastante diversificada. Podemos comprovar esse fato com a descrição de Busatto (2006, p. 26):

Vêm vestidas de vermelho, azul e amarelas; fitas penduradas pelo corpo; vêm com jeito de palhaço ou de princesa; outros vestidos de si próprio. Alguns trazem consigo instrumentos sonoros, músicos e cantores; outros são eles próprios músicos e cantores; alguns portam malas, bonecos, fantoches, panos, chapéus, tapetes, bonés, caixa de fósforos, mímica, humor; outros nada trazem, apenas vão chegando, contando, cantando, deixando leitura, múltiplas leituras aos seus ouvidos hipnotizados

Diante da descrição citada, podemos descrever as características da figura do griot nos dias atuais: chegam como contadores de histórias com novos repertórios para atrair o público de todas as fases da vida. Com seus diversos tipos de recursos, chegam para narrar suas histórias, tanto de cunho tradicional quanto com aspectos modernos e, assim, contribuem para a perpetuação das narrativas orais e de conhecimento das histórias dos povos.

Segundo Rocha (2010, p. 53): “Contar histórias é uma arte muito antiga, presente em diferentes culturas e que se mantém viva na contemporaneidade pela voz dos artistas da palavra”. Artistas esses que contam histórias, tanto orais como na representação da escrita de livros que abordam a figura do griots, ao longo de suas páginas. Tomaremos como exemplo Pedro Bandeira, que usa a protagonista Jerusa, protagonista da obra *O fantástico mistério de Feiurinha*, corpus da nossa pesquisa. Jerusa é apresentada na perspectiva de uma griot da antiguidade, pois a mesma relata fatos que foram contados por seus ancestrais e que estavam guardados em sua memória.

O repertório geralmente revela qual tipo de narrador ele se encaixa, no das antiguidades ou nos contemporâneos cujos caminhos de reconhecimentos desses fatores podem ser encontrados na estética do texto do autor. Mas, independentemente da sua estética, todos os contadores têm seu lugar de destaque na cultura contemporânea.

Diferentemente dos narradores griots tradicionais, os quais recorriam à estética do ato de narrar aos seus ancestrais, e que traziam narrativas de ensinamentos e conhecimentos dos povos do passado, o contador contemporâneo apresenta uma nova gama de possibilidades de se tornar um griot da atualidade. Hoje, encontramos uma multiplicidade de contadores de histórias, com diversas práticas diferentes, ou seja, são inúmeras as formas de se profissionalizar como um contador de histórias.

Podemos comprovar essa afirmativa a partir dos cursos de formações profissionalizantes para contadores de histórias, tanto nos espaços acadêmicos, em curso, minicurso, palestras, e até nos espaços virtuais. Basta o contador escolher sua opção e deixar a magia das palavras fluírem por sua boca, seu corpo, sua mente e sua cultura ancestral. Andrade (2012, p 26) afirma que:

Um narrador dos tempos modernos que busca no contador de histórias tradicional as bases para desenvolver esta atividade, saindo do espaço familiar e percorrendo novos espaços, como escolas, feiras do livro, livrarias, bibliotecas, teatros, *shoppings*, saindo do anonimato e passando a desenvolver uma atividade autoral, de certa forma profissional

Partindo da ideia de Andrade, podemos compreender que hoje em dia os contadores de histórias procuram por uma formação e uma aprendizagem mais específicas, comparados aos griots natos dos antepassados. É importante salientarmos que mesmo o aprendiz tem que ter ao seu dispor o repertório dos contos populares, o conhecimento da variadas culturas precisa mergulhar no repertório da literatura, ter um domínio na linguagem oral, expressar-se por meio das artes cênicas para dar ritmo à história, e assim atender às múltiplas possibilidades de ser um verdadeiro contador de histórias.

3.3 COMO A FIGURA DO GRIOT É REPRESENTADO NA OBRA *O FANTÁSTICO MISTÉRIO DE FEIURINHA*, DE PEDRO BANDEIRA

Procuraremos, neste momento, analisar como o griot é representado na obra *O fantástico mistério de Feiurinha*, de Pedro Bandeira, pela personagem Jerusa, por ser negra e protagonista da obra, por ter uma linguagem coloquial, acessível a todas as idades e retratada nos contos de fada que tiveram lugar garantido na imaginação do autor quando criança e na rememoração de muitos leitores adultos que viram nas histórias vividas por Jerusa o momento de retomar sua vida. Embora o repertório de

linguagem da crianças materialize e também retrate os contos populares narrados pelas pessoas mais velhas e nos turnos das falas, vêm à tona todas as projeções e experiências.

Por isso, ao ressignificar a realidade de contar ou ouvir a nossa história, é possível numa dada realidade produzir novas histórias, para levar as construções como objeto cultural de um povo. Como diz Bettelheim (1980), os contos tradicionais falam ao ego em germinação, oferece estrutura e força para a lida com as adversidades da vida cotidiana.

Como diz Busatto (2007, p.33):

[...] Uma contação de histórias nunca irá se repetir, por mais que a história narrada esteja memorizada, palavra por palavra. A possibilidade de participação não só intelectual e emocional mas física do público faz com que ela seja única, pois pode sofrer alterações por conta da plateia [sic].

Bandeira reconta as histórias com muito humor, resgatando alguns escritores, como Perrault, Grimm, Lobato, promovendo por meio da intertextualidade o diálogo com a tradição oral, renovando, assim, as narrativas tradicionais das histórias contadas por esses autores. E no meio de sua criação, ele inventa uma nova princesa, a Feiurinha, sendo uma maneira de homenagear e ressignificar histórias perdidas no tempo, existentes apenas na oralidade.

O escritor Pedro Bandeira de Luna Filho, mais conhecido como Pedro Bandeira, tem mais de setenta livros publicados, entre eles, com destaque *O fantástico mistério de Feiurinha*, de 1986, a partir do qual recebeu o prêmio Jabuti, na categoria Infantil, como melhor texto infantil. Além de se dedicar à escritura de livros infantil e juvenil, também, é conferencista, ministrante de palestras sobre letramento e técnicas especiais de leitura a professores em todo país. Na literatura juvenil, é considerado o autor de livros mais vendidos do Brasil, segundo a fonte Wikipédia(2018). Também possui livros traduzidos na língua espanhola e sérvia.

É notório que a narrativa traz uma releitura com variadas reflexões, ou seja, não são abordadas apenas as ideias do belo e feio, maldade e bondade, mas também ideias de humildade, o ofício do escritor, a importância da tradição oral como da escrita, para que as histórias não sejam esquecidas.

Em seu enredo, no mundo real, inicia-se na dificuldade de inspiração da escrita do escritor, que não consegue começar o tema do livro e o enredo imaginário. Quando

é dado o início, a história dos contos de fadas é narrada com as princesas do mundo encantado já casadas, grávidas, gordas, cheias de filhos, somente Chapeuzinho Vermelho não é casada, e seus príncipes todos representados como ociosos, barrigudos, cuja aventura é caçar nos bosques, dando continuidade aos clássicos e dando a entender uma crítica do que um casamento pode ser tornar depois do “felizes para sempre”. Enfatiza-se, assim, que corre-se um certo risco ao fazer a escolha do casamento, pois, Chapeuzinho, a única que não se casou, é que está com características de maior felicidade.

Por outro lado, analisando num outro viés, que é o foco da nossa pesquisa, a personagem velha, com aproximadamente setenta anos, negra, chamada Jerusa, reafirma a sua identidade afro-brasileira. Segundo Hall (2003, p.51), “As culturas nacionais, ao produzir sentido sobre ‘a nação’, sentidos com as quais podemos nos identificar, constroem identidades”. Como uma boa contadora de histórias griot, herdada de sua descendência, como são chamados na África, e de forma abasileirada *griô*, possibilita o leitor entrar no mundo imaginário da tradição oral, sendo possível na leitura da obra lembrar e (re)conhecer contos de fadas antigos, originados da tradição oral europeia, que permeia até os dias de hoje, de forma intertextualizada.

Levando em conta que é necessário conhecer ou lembrar os contos para melhor compreensão, com a leitura, podemos conhecer também a influência da tradição oral africana com o resgate da princesa chamada Feiurinha, que apenas existia nas histórias faladas, chegando a ser esquecida, quase a desaparecer até o momento de ser retomada na memória da personagem Jerusa.

Ao ser transmitida oralmente por Jerusa a história de Feiurinha, consideramos uma grande herança da tradição oral em sua narrativa como uma contadora de história griot, sendo posterior, escrita pelo escritor – personagem, que também podemos considerar como um contador de histórias da contemporaneidade. Para Èlie Bajard (2002, p.98): “Contar histórias é um legado da tradição oral, transmitir vocalmente os textos é herança de uma sociedade na qual letrados e livros são raros”.

A figura griot, representado por Jerusa, demonstra que as histórias tradicionais contadas também por negros tem o seu valor, principalmente por 44,7% da nossa população brasileira ser descendente de africanos, precisando que sejam valorizadas pela memória e pela escrita, para que não se apague, pois a narrativa oral não é eterna e a narrativa oral contada pelos contadores de histórias, em especial os griots

fazem parte de nossa acervo cultural, suas lembranças muitas vezes não valorizadas, deixamos ser esquecidas e transformadas , apagando nossa identidade cultural. Como diz Bandeira (2009, p.69):

[...]foram mulheres que não deixaram seus nomes para a História, mas que, provavelmente analfabetas e pobres, usaram a imaginação para aquecer os corações das crianças nas noites geladas, quando o vento e os lobos uivavam lá fora e quando a fome causada pela pobreza e pelo rigor do inverno impedia que o sono viesse[...].

É nesse aspecto acima citado que entendemos que a representação da personagem velha e negra, chamada Jerusa, “não era de grandes letras”. Governanta da casa do personagem-escritor, demonstra que os mais velhos trazem um baú de conhecimento, armazenado em sua memória, bem como experiências de vida e muita sabedoria, realizando ações de resistência em uma cultura dominadora de seus colonizadores.

No decorrer da narrativa, a princesa inventada pelo autor Bandeira –Feiurinha, é resgatada por meio das lembranças da empregada negra, que nos faz refletir a importância desse resgate e registro das histórias, que fazem parte do nosso contexto histórico que, muitas vezes, não damos valor e imaginamos nos contos perdidos de princesas quem são elas e se fazem parte do nossa herança cultural.

É algo que não devemos deixar cair no esquecimento, pois as narrativas existentes no passado, transmitidas no presente, é tradição oral de uma cultura, por isso, temos que ler variadas vozes para não cairmos em contos de carochinhas, de forma estereotipada do verdadeiro contexto cultural do povo negro trazido para o Brasil como escravo.

Por outro, lado, no processo de registro da história de *O fantástico mistério de Feiurinha*, percebemos que esta está vinculada à oralidade versus escrita, sendo conto de fadas ancorado no conto popular e na tradição oral, uma vez que o escritor –narrador, que é chamado a escrever a história de Feiurinha, não consegue, pois desconhece a história.

Porém, a sua empregada, a velha Jerusa torna-se a protagonista da história, por ser a única conhecedora da história, e a conta para todos. Percebemos que Feiurinha e sua história só passou a existir a partir do momento que Jerusa começa a narrar a história, realizando um grande papel de contadora de história.

Dessa forma, selecionamos alguns trechos, os quais acreditamos explicitar, com clareza, o papel de contadora de história griot, percebida em seu perfil. Jerusa dá vida à Feiurinha, através da narrativa oral, do ato de contar histórias ao pé do fogo, como comprova o trecho abaixo:

- Feiurinha? O senhor conhece a Feiurinha?
A estranha dança parou na mesma hora e nove pares de olhos voltaram-se para Jerusa.
- Eh, que história boa, não é? – continuou ela, a sorrir. – Sempre foi a minha preferida quando minha avó reunia todo mundo pra contar histórias ao pé do fogo... (BANDEIRA, 2009, p.54)

Percebemos, então, o discurso da tradição oral, revelada por meio de Jerusa e da sua postura como contadora de história griot. E dando voz, assumindo como sua preferência:

- A história de Feiurinha é dos antigos.
- Quem me contou, há mais de sessenta anos atrás, foi a minha avó, que também ouviu da avó dela. Era a minha história preferida, com perdão das princesinhas... (BANDEIRA,2009, p.56):

Tudo ocorre numa suposta conexão entre o sujeito a partir da preservação da oralidade e o eu – enunciador, que se transfigura na personagem Jerusa. Afasta-se do modelo europeu e recupera em parte sua cultura. Segundo José Luiz dos Santos (1994, p. 7), “Cultura é uma preocupação contemporânea, bem viva nos tempos atuais. É uma preocupação em entender os muitos caminhos que conduziram os grupos humanos às suas relações presentes e suas perspectivas de futuro”, em cujo contexto percebe-se a arte de contadora de histórias os traços africanos.

Apresentado em sua narrativa o fator de pertencimento do sujeito, que nada mais é do que sua identidade, cultura, assim afirma Hall (2003, p.08): “[...] aqueles aspectos de nossas identidades que surgem de nosso ‘pertencimento’ a culturas étnicas, raciais, linguísticas, religiosas e, acima de tudo, nacionais [...]”. E ao resgatar, em sua memória, Munanga (2005, p.16) afirma que:

O resgate da memória coletiva e da história da comunidade negra não interessa apenas aos alunos de ascendência negra. Interessa também aos alunos de outras ascendências étnicas, [...] essa memória não pertence somente aos negros. Ela pertence a todos, tendo em vista que a cultura da qual nos alimentamos quotidianamente é fruto de todos os segmentos étnicos que, apesar das condições desiguais nas quais se desenvolvem, contribuíram cada um de seu modo na formação da riqueza econômica e social e da identidade nacional.

Buscamos essa cena que gera a expressão própria de Jerusa de contar histórias e percebemos a ligação dos contos da carochinha, os causos, histórias contadas, transmitidas oralmente de geração a geração, e o ato de narrar, que marca a influência tradicional africana. Vejamos abaixo alguns trechos que demonstram seu perfil de contadora:

Era uma vez, há muitos, muitos anos atrás, uma menina muito linda que acabara de nascer numa casa muito pobre, mas cheia de amor e felicidade[...]

A história de Feiurinha é dos antigos, há mais de sessenta anos atrás, foi minha avó, que também ouviu da avó dela...

Assim, a menina foi parar na casa das bruxas, um lugar em ruínas, uma choupana sórdida e lúgubre, longe de tudo e de todos, onde a pobrezinha cresceu junto às corujas, aos ratos e aos morcegos.

Nem um pouquinho. Ela nunca tinha visto outro mundo, nem mais feio nem mais bonito. Aquilo era tudo que ela conhecia, era o seu mundo e ela estava acostumada com todas aquelas barbaridades.

Pois é. Esse era o nome que as bruxas tinham dado para uma menina linda daquele jeito: Feiurinha! Ela, coitada, cresceu com aquele nome, e a sua vergonha cresceu mais ainda [...] (BANDEIRA, 2009, p.56 - p.61)

Entendemos também a alienação da personagem sobre seu patrão e todas as princesas ali apresentadas, como diz o escritor-personagem. Desta forma, entendemos que “Jerusa não era de grandes letras”, concordando com o autor. Por isso mesmo ela compreendeu muito bem o que era ter Branca de Neve aos seus pés, beijando-lhes as mãos. Com muita criatividade, umas das principais características de um griot é deixar sua identidade prevalecer, sem mostrar-se submissa.

Segundo Bettelheim (1980, p. 32):

[...] Os contos de fadas, à diferença de qualquer outra forma de literatura, dirigem a criança para a descoberta de sua identidade e comunicação e também sugerem experiências que são necessárias para desenvolver ainda mais o seu caráter. Os contos de fadas declaram que uma vida compensadora e boa está ao alcance da pessoa apesar da diversidade – mas apenas se ela não se intimidar com as lutas do destino, sem as quais nunca se adquire verdadeira identidade. [...]

Sendo assim, a protagonista Jerusa deu continuidade, trazendo contos de fadas originadas da Europa, transmitindo uma princesa com traços louros, de olhos

azuis , percebendo, na escrita da obra, um certo apagamento da tradição oral africana, porém, mostrando a mistura de contos populares que um afrodescendente pode guardar, pois o sentido de memória cultural, que conforme Elias José(2012, p.11), “O sentido de memória cultural está nesse poder de criar , repensar , modificar e atualizar os espaços e as tradições”, assumindo funções sociais.

Assim, em Bandeira (2009, p.63), Jerusa narra as características da misteriosa princesa: “Ajoelhou-se à beira do riacho de águas calmas e viu refletida sua imagem horrorosa, seus longos cabelos louros, cheirando alfazema, sua pele rosada, seus olhos de azul profundo...”. Desta maneira, há uma retomada às características do sujeito europeu como forma de marcar o espaço do sujeito de direitos, desmerecendo ou omitindo a figura da mulher negra.

Segundo Hall (2003, p.7):

A questão da identidade está sendo extensamente discutida na teoria social. Em essência, o argumento é o seguinte: as velhas identidades, que por tanto tempo estabilizaram o mundo social, estão em declínio, fazendo surgir novas identidades e fragmentando o indivíduo moderno, até aqui visto como um sujeito unificado.

Nesta perspectiva, percebemos que sua identidade foi fragmentada com sua situação no momento, pois, particularmente, acreditávamos que traria uma história de uma princesa negra, ao atentarmos as expressões utilizadas por Jerusa no decorrer da enunciação, que revelam a afetividade própria da fala, por meio da qual é possível a ocorrência de juízos de valor, narradas por ela na contação, reforçada por valores europeus.

A herança cultural, segundo Hall (2003), vai determinar os conjuntos de valores que são transmitidos de geração em geração pelo processo de socialização em diferentes momentos históricos e a forma que o homem e a sociedade, de maneira diferentes, organizaram e foram dando significado às características individuais, interagindo com outros aspectos de diferentes elementos ambientais, sociais e geográficos, formando, assim, uma identidade ancestral, que são transmitidas e respeitadas por gerações, influenciando a forma de pensar, agir e ser.

Em nossa cultura literária, o personagem negro ou negra sempre foram vistos, com frequência, como servidores dos brancos, como se seguissem padrões escravocratas. Estão sempre presentes como transmissores nas narrativas

destinadas aos filhos do patrão, apresentados de uma forma estereotipada, destacando diferenciação dos demais personagens.

Segundo Umberto Eco (2003, p. 15), “[...] o homem, através da ficção, busca um sentido para a sua existência”. Percebe-se que a memória e o registro podem salvar muitos contos, causos perdidos, existentes apenas no inconsciente de pessoas contadores de histórias, sendo de suma importância o resgate em sua memória e existência. E por meio da leitura destas obras infantis e juvenis, pode-se construir uma identidade firme, que não deixe de recordar, valorizar as raízes de suas origens, na essência da história que Jerusa faz, como um chamamento

Na obra *O fantástico mistério de Feiurinha*, o conceito de intertextualidade se faz presente, contribuindo para revigorar nossa memória dos contos de fadas, estabelecendo conexões para que esses contos populares permanecem vivos até os dias atuais. Bandeira usa uma estratégia sutil, no qual faz o leitor rememorar os contos de fadas da literatura infantil e juvenil e, ao mesmo tempo, oportuniza seu leitor a conhecer o destino das personagens dos universais contos populares até o mundo imaginário.

Na epígrafe do livro *O fantástico mistério de Feiurinha*, de Pedro Bandeira (1942, p.5), assinada por Maria Lajolo “... a obra literária é um objeto social. Para que ela exista, é preciso que alguém a escreva e outro alguém a leia.” Desta forma, Lajolo recapitula a essência que movimenta a narrativa de Bandeira. A história de Feiurinha é apresentada pela função do relato da oralidade, cuja personagem Jerusa representa a figura do griot tradicional, pois relata a história de Feiurinha, por meio de registros guardados em sua memória, que foram passados pelos seus ancestrais. Jerusa usa uma linguagem simples, por meio da oralidade, e faz renascer uma história que não existia em nenhum contexto histórico no mundo das outras personagens, nem mesmo da memória de nenhum escritor renomado.

A atitude da protagonista produz significados distintos de apropriação do ser, ou seja, Feiurinha só ganha identidade a partir da narrativa oral de Jerusa, a serviçal, que é descrita por Bandeira como uma legítima representante da cultura popular africana. Através da oralidade, Feiurinha é resgatada e passa a ganhar vida, tanto na memória das outras personagens quanto nas páginas de um livro decorrente da figura do autor.

Outro ponto que podemos abordar na obra é a questão do título do livro. Segundo Eco (1985), o título é uma chave interpretativa para as múltiplas

possibilidades de sentido de uma escritura. Dessa forma, voltamos o olhar para uma reflexão sobre o título *O fantástico Mistério de Feiurinha*, em que podemos notar que o *fantástico* representa algo fantástico, ou seja, as narrativas orais são extraordinárias, pode haver mudanças que somente o contador irá saber; *mistério* também é um termo que representa enigma, algo que guarda segredos. Assim eram os griots, guardadores de segredos dos seus ancestrais. E *Feiurinha* era o termo dado à protagonista da história, que representa o oposto da beleza.

Dessa forma, podemos compreender que o título da história nos remete a um enfoque dos mistérios das tradições dos contadores de histórias sobre a perspectiva dos griots, cuja materialização a tradição de contar histórias contribui para perpetuar as histórias perdidas no esquecimento das gerações.



Imagem 5 :Fotografia da Oficina *Contação de Histórias*, da disciplina SIP III (2015).

4 OS CONTADORES DE HISTÓRIAS GRIOTS E A FORMAÇÃO LEITORA

Uma vez obtida a identificação do griot, neste capítulo, procuraremos apresentar a importância das narrativas infantis e juvenis, por serem disseminadoras dos contadores de histórias griots, como guardiões da história e da memória, por meio da oralidade, considerado por vários autores infantis e juvenis já referendados como forma de demonstrar o contexto histórico influenciado pelos africanos e suas variadas formas de preservar a história de seu povo.

Dessa maneira, consideramos importante refletir o papel do professor no contexto escolar e como remeter os contadores de histórias griots à Lei 10.639/03 e à formação do leitor em sala de aula.

4.1 A CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS GRIOTS COM BASE NA OBRIGATORIEDADE DA LEI 10.639/03

Em relação à prática da obrigatoriedade da Lei, seguimos Freire (1996, p.18), que diz: “[...] na formação permanente dos professores, o momento fundamental é o da reflexão crítica sobre a prática. É pensando criticamente a prática de hoje e de ontem que se pode melhorar a próxima prática”.

Com a Lei 10.639/03, que torna obrigatório a inclusão no currículo escolar o ensino de História e Cultura Africana e Afro-Brasileira nos estabelecimentos públicos e privados, têm aumentado, de forma gradativa, o interesse pela temática na sala de aula.

Art. 2º As Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações étnico-raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-brasileira e Africanas constituem - se de orientações, princípios e fundamentos para o planejamento, execução e avaliação da Educação, e têm por meta promover a educação de cidadãos atuantes e conscientes no seio da sociedade multicultural e pluriétnica do Brasil, buscando relações étnico -raciais positivas, rumo à construção de nação democrática.

§1º A Educação das Relações étnico-raciais tem por objetivo a divulgação e produção de conhecimentos, bem como de atitudes, posturas e valores que eduquem cidadãos quanto à pluralidade étnico-raciais, tornando-os capazes de interagir e de negociar objetivos comuns que garantam, a todos, respeito aos direitos legais e valorização de identidade, na busca da consolidação da democracia brasileira.

§ 2º O Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana tem por objetivo o reconhecimento e valorização da identidade, história e cultura dos afro-brasileiros, bem como a garantia de reconhecimento e igualdade de valorização das raízes africanas da nação brasileira, ao lado das indígenas, europeias, asiáticas. [...] (BRASIL, 2004, p.11)

Como já sabemos, vivemos em uma nação em que a maioria da população é composta por pretos e pardos (que somados, constituem-se como a categoria *negros*). Compreendendo o objetivo da Lei 10.639/03, sancionada pelo ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva, essa resolução partiu da luta do movimento negro. Sendo assim, vem mudar a história do ensino nas escolas que, por muito tempo, foi contada pelo ponto de vista do colonizador europeu, não valorizando e desconhecendo a história e cultura dos negros, que vinham do continente africano como escravos e dos indígenas que aqui já moravam, quando os europeus chegaram ao Brasil.

O professor, ao se adentrar nesse papel de contador griot, na sala de aula, torna-se uma importante figura de resgate cultural, que desperta curiosidade da criança e do jovem pela leitura, como algo prazeroso, e que faça parte de seu contexto cultural, pois, ao ler, segundo Cosson (2009, p.27),” estou abrindo uma porta entre meu mundo e o mundo do outro. O sentido do texto só se completa quando esse trânsito se efetiva, quando se faz a passagem de sentidos entre um e outro”.

Durante o período determinado como colonização, o Brasil foi marcado pela intolerância. A chegada dos portugueses às terras habitadas pelos índios deflagrou a supremacia de um povo branco, rico, masculino e catequizado, que via os índios como seres monstruosos, pecadores e incapazes de utilizar correta e racionalmente toda a riqueza aqui encontrada.

Iniciou-se, neste momento, o domínio português sobre os índios e, posteriormente, sobre os negros trazidos para trabalho escravo. Esta representação da história se finda e este posicionamento foi sendo passado de geração em geração, de modo a levar uma sociedade a acreditar que homens e mulheres negros, indígenas, são seres depreciáveis e destrutivos a uma nação.

O Brasil é um dos países que mais possui população negra em todo o mundo. Isso, devido aos mais de 4 milhões de homens, mulheres e crianças que foram trazidos para cá com o comércio de escravos nos meados do ano 1500. Os escravos, conseguiram sua liberdade, porém, continuaram sendo discriminados, humilhados e maltratados e segundo Abramovich (1997, p.17):

[...] É através duma história que se pode descobrir outros lugares, outros tempos, outros jeitos de agir e de ser, outra ética ...É ficar sabendo história, geografia, filosofia, política, sociologia, sem precisar saber o nome disso tudo, e muito menos achar que tem cara de aula ...Porque se tiver deixa de ser literatura, deixa de ser prazer e passa a ser Didática, que é outro departamento (não tão preocupado em abrir as portas da compreensão do mundo.

Dessa forma, sabemos que o professor tem várias maneiras de trazer o contexto cultural africano e afro-brasileiro, dentre eles, acreditamos que a partir da invocação dos griots, nas narrativas infantis e juvenis em sala de aula, desenvolvendo a prática oral, possibilitando a relação cultural africana com a brasileira. Assim, é possível provocar variadas reflexões étnico -sociais.

A fim de garantir o cumprimento da lei e os objetivos da Resolução nº 1 de 17/06/2004 CNE/CP, em seu Art. 2º, que estabelece:

§ 1º A Educação das Relações Étnico-Raciais tem por objetivo a divulgação e produção de conhecimentos, bem como de atitudes, posturas e valores que eduquem cidadãos quanto à pluralidade étnico-racial, tornando-os capazes de interagir e de negociar objetivos comuns que garantam, a todos, respeito aos direitos legais e valorização de identidade, na busca da consolidação da democracia brasileira. (BRASIL, 2004, p.1).

Os professores exercem importante papel no processo da luta contra o preconceito e a discriminação racial no Brasil, e com a implementação da Lei 10.639 aumentou a procura de qualificação, pois a maioria dos docentes ainda desconhece e se sente inseguro quanto à cultura africana; só conhece o contexto histórico que é apresentado nos livros didáticos, como o negro como escravo e a abolição. Sendo assim, reproduz o que aprendeu na escola.

Ao compreendermos o perfil griot, o professor, muitas vezes, assume esse papel de professor-griot no contexto escolar, ao trazer o resgate da tradição oral africana, de forma encantadora, da literatura infantil e juvenil e, principalmente, as literaturas africanas e negras, que trazem uma riqueza cultural não estereotipada, como a maioria das literaturas nacionais brasileiras produziam. Sendo assim, tal lei é essencial para começarmos a pensar novas formas de leituras, principalmente, a que esteja presente da vida do leitor.

4.2 O CONTADOR DE HISTÓRIAS COMO DISPOSITIVO PARA FORMAÇÃO DO SUJEITO - LEITOR

Como já foi dito anteriormente, ao contar história, sempre relembramos sobre os nossos antepassados. Faz-nos recordar lembranças da nossa infância, dos nossos familiares, amigos, de passagem marcantes de nossa vida. O ato de ouvir e contar histórias são práticas antigas e a figura do griot representava essa prática milenar. Hoje em dia, essas ações são representadas pela figura dos contadores de história, que retomam a função dos griots da antiguidade.

Escutar histórias, segundo Abramovich (1997, p 16), “é o início da aprendizagem para ser leitor, e ser leitor é ter um caminho absolutamente infinito de descoberta e de compreensão do mundo”. Partindo da afirmativa de Abramovich, compreendemos que a figura do contador de história é de extrema importância para contribuir para a formação do sujeito-leitor.

Sabemos que, ao longo dos tempos, as narrativas orais serviam para educar e cultivar os valores dos povos. Esses ensinamentos eram passados de geração em geração no intuito de criar e recriar os modos de vidas existentes na humanidade. É importante compreendermos que, ao executarmos a leitura, mesmo no contexto da

oralidade, estamos executando um ato de compreender o mundo, nos assumindo como sujeitos de nossa própria história.

Ah! Como é importante para a formação de qualquer criança ouvir muitas, muitas histórias...Escutá-las é o início da aprendizagem para ser um leitor, e ser um leitor, e ser leitor é ter um caminho absolutamente infinito de descoberta e de compreensão do mundo ... (ABRAMOVICH,1997, p.16)

Desde que nascemos, somos rodeados por histórias. Não são apenas as histórias que nos prendem a atenção, mas o cheiro das pessoas que nos conta, a voz suave e sussurrante, a sonoridade da voz, o contato visual, os espaços aconchegantes são elementos que nos cativam e assim guardamos na memória o ato de ouvir ou narrar uma história.

Um contador de histórias, através da sua arte, oportuniza seu ouvinte uma viagem ao mundo imaginário, remetendo-o a lembranças antigas e, ao mesmo tempo, nos faz refletir criticamente sobre o mundo que o cerca. Com suas estratégias corporais, sonoras e visuais, o contador vai seduzindo o ouvinte para a leitura.

Para contar histórias, de forma que incentive o ouvinte ao hábito da leitura, Abramovich (1989, p.18) adverte que:

Para contar uma história – seja ela qual for- é bom saber como se faz. Afinal, nela se descobrem palavras novas, se entra em contato com a música e com a sonoridade, das frases, dos nomes...Se capta o ritmo, a cadência do conto, fluindo como uma canção...Ou se brinca com a melodia dos versos, com o acerto das rimas, com o jogo das palavras...Contar histórias é uma arte...e tão linda!!! É ela que equilibra o que é ouvido com o que é sentido, e por isso não é remotamente declamação ou teatro... Ela é o uso simples e harmônico da voz.

Partindo desse contexto, podemos entender que a figura do contador tradicional, os griots, vêm ressurgindo com novas características, e trazem seus agentes com aparatos das artes cênicas, com técnicas inovadoras, com arte teatral, com o intuito de deixar suas histórias mais atraentes. Esses novos agentes chegam na figura do ator, do professor, dos grupos dos projetos de contadores de histórias, na figura dos pais, avós, vizinhos ou qualquer indivíduo que desperte o desejo de contar uma bela história.

É através das histórias que o leitor invade um espaço irreal ou também pode remeter-se a situações reais, tudo depende do envolvimento imaginativo do ouvinte. Bettelheim (1980, p 13) descreve a função das histórias da seguinte forma:

Para que uma história realmente prender a atenção da criança, deve entretê-la e despertar a sua criatividade. Mas para enriquecer sua vida, deve estimular-lhe a imaginação: ajudá-la a desenvolver seu intelecto e a tornar claro suas emoções; estar harmonizada com suas ansiedades e ao mesmo tempo sugerir soluções para os problemas que a perturbam.

Por isso, encontramos nos enredos das histórias o jogo constante entre a realidade e a fantasia com referência aos contos de fadas, a literatura oral e as observações próprias do escritor. Dessa forma, contribui para despertar no leitor o gosto pela leitura. É narrando uma bela história que o contador conduz o ouvinte a um futuro leitor. Ao educar as crianças com a arte de contar histórias pode-se possibilitar uma conectividade destas às suas ancestralidades.

Esses fatos podem ser comprovados ao longo dos tempos pela figura dos indígenas e africanos, que possuíam essas tradições de ensinar seus rituais por meio das histórias dos seus antepassados, contribuindo assim para enriquecer sua formação cultural. Hoje, esses mecanismos podem ser representados no papel do educador, por meio de projetos interdisciplinares, desde lendas folclóricas aos mitos, parlendas, cantigas de rodas, ditados populares, contos africanos, entre outros. A diversidade cultural do Brasil favorece ao professor um amplo recurso para desenvolver um trabalho edificante, no que tange o processo de escrita e leitura por meio da contação de histórias.

As histórias garantem estímulo ao desenvolvimento psicológico e moral, além de propiciar um clima amigável entre os alunos, propiciando o enriquecimento do vocabulário, ampliando a linguagem, facilita o processo da leitura oral, contribui para a coordenação motora, estimula a atenção, memória, imaginação, sensibilidade e reflexão, contribuindo, assim, para a construção do conhecimento.

A contação de história também carrega um arcabouço artístico e lúdico, que possibilita o aluno descarregar tensões, distrair-se, estimulando a recreação. A livre criação de histórias, as ilustrações, as imagens visuais, todos esses dispositivos podem ser usados pelo professor como práticas estimulantes ao processo do sujeito leitor, ampliando assim o processo da escrita e oralidade.

É notório que nos contos infantis são colocados nitidamente as relações familiares e uma possibilidade que o autor encontra de se aproximar desse público-leitor, pois é através da empatia da criança com o personagem que nasce o gosto pela leitura. Seguindo assim o pensamento de Cecília Meireles (1984, p. 49), quando afirma que “o gosto de contar é idêntico ao de escrever” e “o gosto de ouvir e como o gosto de ler”

Através dessa citação de Cecília Meireles, podemos comprovar que é através da contação de história que podemos inserir o ouvinte ao mundo literário e, conseqüentemente, contribuir para a aquisição no processo de leitura. E por meio das instituições escolares, do âmbito familiar ou da sociedade, que a criança torna-se um agente formador de sua própria história.

O comportamento, a interação e a conduta do griot são pressupostos fundamentais que servem como um fio condutor entre os interlocutores que contribuem para facilitar a compreensão de uma mensagem ou de um ensinamento. Há situações nas narrativas que, só através das articulações gestuais, acompanhada da oralidade, são capazes de revelar aquilo que muitas vezes não há possibilidade de nomear.

O contador conquista o leitor pelas narrativas de suas histórias e um dos aparatos de conquista ao público ouvinte é tentar apresentar um contexto próximo da sua realidade, possibilitando que ele aguçe a imaginação e se sinta parte integrante da narrativa.

Se colocarmos a figura do aluno em uma história no qual ele se identifique mesmo que de forma implícita, ele ganha a possibilidade de olhar para seu interior e por meio de gestos ou palavras expressar seus sentimentos inibidos e narrar sua própria história. O professor como mediador do ensino, ganhara a possibilidade de enriquecer o processo de ensino e aprendizagem desse aluno e conseqüentemente contribuir para processo de escrita e leitura.

O ato da contação de histórias nas instituições escolares contribui para o desenvolvimento do aluno, na área do conhecimento, afinal, o processo artístico é tão importante para a aquisição do processo de ensinamento quanto os demais eixos educativos do ensino formal. Levar as histórias para os espaços das salas de aula propicia que a criança desenvolva a capacidade de fortalecer os sentidos da escuta e da fala, contribuindo, assim, para a formação de um futuro sujeito-leitor.

Como defende Andrade (2012, p 127), “Contar e ouvir histórias são práticas que devem ser estimuladas em nossa sociedade individualista”. Por isso, deveriam estar presentes nos currículos das licenciaturas, pois, é percebido que a falta de profissionais que incentivem essas práticas em sala de aula no Brasil demonstram fortes resistências.

É importante sabermos que através da leitura o aluno partilha emoções e pensamento presentes ou ausentes, contemporâneos ou não. Ela é um meio eficiente de comunicação que não está presa ao tempo ou à distância, ou seja, ela serve como um processo de descoberta dos prazeres das narrativas.

O aluno como leitor é capaz de adquirir importantes informações sobre o mundo que o cerca, da sua história e das histórias dos outros. Adotar os exemplos de contadores griots na sala de aula implicará ao mediador planejar suas atividades, o qual poderá explorar as potencialidades de narrativas orais dos seus alunos. É importante deixá-lo livre para experimentar diversas maneiras de narrar um fato, as orientações podem ser aplicadas por meio de improvisos, jogos teatrais e dramáticos, brincadeiras, exercícios, entre outras opções. A sua desenvoltura corporal também pode ser explorada para contar histórias.

Sendo assim, todos esses fatores contribuem para o enriquecimento e a capacidade de narrar uma história e, ao mesmo tempo, contribuir para enriquecer seu repertório como sujeito-leitor.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente estudo da obra *O fantástico mistério de Feirinha*, de Pedro Bandeira, em especial, da atuação da protagonista Jerusa, nos possibilitou compreender que a figura do griot permanece enraizada na cultura popular brasileira, desde os primórdios da humanidade até a vida contemporânea, e que esse legado nunca irá morrer. Como futuras docentes, iremos procurar contribuir para que essa arte esteja presente na vida dos nossos alunos. Iremos contar histórias para nossos filhos, netos, bisnetos ou enquanto a vida nos permitir.

Foi possível perceber com a pesquisa que, ao tocarmos na temática de diásporas negras e africanas, é impossível não entrar em sua história de sobrevivência, da recuperação cultural e identitária. O conhecimento histórico e a leitura literária contribuem para realizar esses caminhos, com o objetivo de transmitir para geração atual e que está por vir valores esquecidos, como a grande diversidade existente em nosso país e o respeito por cada uma delas.

O objetivo do estudo proposto neste trabalho foi compreender a influência da tradição oral africana, a partir da contação de histórias. Nesse sentido, acreditamos ter constatado essa influência no perfil da contadora de história griot Jerusa, que favorece, na contemporaneidade, compreender a influência do griot nos contadores de histórias do mundo moderno.

A partir da década de 1980, já é possível encontrar em alguns livros para crianças e jovens o rompimento, de certa forma, do modelo europeu, em que há narrativas oriundas da tradição oral africana, porém, muitas vezes marcadas pelo preconceito, identidade e embranquecimento, o qual podemos observar na obra em evidência.

É importante destacar que as universidades quanto aos cursos de licenciatura têm obrigação maior para a prática da lei 10639/03 sobre a formação dos futuros docentes. Que tragam novas abordagens, que contemplem temáticas sobre a África e a cultura afro-brasileira, pois, para romper o silenciamento, o professor se faz necessário para disseminar a abordagem tradicional africana, por meio de variadas vozes literárias ou como contadores de histórias.

Acreditamos que seja importante os estudos sobre essa temática e o quão grande é a responsabilidade e importância do professor-pesquisador desenvolver

questões sobre a tradição oral africana, identificando caminhos para articular a Lei à formação leitora, como também conhecimento cultural nas narrativas infantis e juvenis a partir dos contadores de histórias griots.

Vale lembrar ainda que é de extrema importância que os profissionais da educação resgatem nas instituições educacionais, sociais e culturais estratégias que contribuam para enriquecimento da cultura popular dos contadores de histórias, pois dessa maneira, garante um leque de possibilidades para não deixar a cultura dos griots da antiguidade desaparecer. É perceptível que, através da leitura oral, podemos perpetuar narrativas que encantaram, ensinaram e revigoraram a cultura popular dos nossos antepassados e, conseqüentemente, servirá de incentivo para as futuras gerações.

Enfim, a oportunidade de podermos também levar esses legados aos nossos futuros alunos, pois estamos ingressando na área educacional e também podemos contribuir para a arte de contar belas histórias e não deixar a tradição dos griots desapareçam ao longo do tempo. Nesse sentido, ao parafrasear Eclea Bosi (2003), a arte de narrar não pode estar confinada nos livros e assim o narrador retira o que narra a partir da sua experiência de vida e a transforma em outras experiências para aqueles que o escutam ... E assim as histórias são perpetuadas e nunca concluídas, pois a todo momento alguém ressignifica com outro dizer.

REFERÊNCIAS

ABRAMOVICH, Fanny. **Literatura infantil: gostosuras e bobices**. São Paulo: Ed. Scipione, 1989.

_____. **Literatura Infantil: gostosuras e bobices**. São Paulo: Scipione, 1997.

ANDRADE, Aldanei Menegaz. **Quem conta um conto aumenta um ponto: contadores de histórias no Distrito Federal (1991 a 2011)**. Brasília: Dissertação de Mestrado - UnB - História Cultural, 2012.

BAJARD, Élie. **Caminhos da escrita: espaços de aprendizagem**. São Paulo: Cortez, 2002.

BANDEIRA, Pedro. **É proibido miar**. 4. ed. São Paulo: Moderna, 2009.

_____. **O fantástico mistério de Feurinha**. 3. ed. São Paulo: Moderna, 2009.

BANDEIRA, Pedro; HERRERO, Carlos E. **A pequena bruxa**. São Paulo: Moderna, 2009.

BLOG ESTADÃO. **De onde vem os contos de fadas?** Disponível em <http://www.estadao.com.br/blogs/estadinho/de-onde-vem-os-contos-de-fadas/> Acesso em: 11/01/2018.

BRASIL. **Parâmetros Curriculares Nacionais: História e Geografia**. Brasília: Ministério da Educação, 1999.

BETTELHEIM, Bruno. **A psicanálise dos contos de fada**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1980.

BONVINI, Emilio. Tradição oral afro-brasileira: As razões de uma vitalidade. **Projeto História**. São Paulo, (22), jun. 2001.

BOSI, Eclea. **Memória e sociedade: lembrança de velhos**. São Paulo: Cia das Letras, 2003.

BOSI, Alfredo. Dialética da colonização. **Cultura brasileira e culturas brasileiras**. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

BRASIL. **Parâmetros Curriculares Nacionais: língua portuguesa**. Brasília: Ministério da Educação, 2001.

BUSATTO, Cléo. **A arte de contar histórias no século XXI**. Petrópolis – RJ: Editora Vozes, 2007.

_____. **A arte de contar histórias no século XXI: tradição e ciberespaço.** Petrópolis: Vozes, 2006.

CADEMARTORI, Lígia. **O que é literatura infantil.** 3. ed. São Paulo: Brasiliense, 1986.

_____. **O que é literatura infantil.** 2. ed. São Paulo: Brasiliense, 2010.

COSTA, Marta Morais da. **Metodologia do ensino da literatura infantil.** Curitiba: Intersaberes, 2013.

COMPAGNON, Antoine. **Literatura para quê?** Tradução de Laura Taddei Brandini. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2009.

COELHO, Nelly Novaes. **Literatura infantil.** São Paulo: Moderna, 2000.

COSSON, Rildo. **Letramento literário: teoria e prática.** 3.ed. São Paulo, 2009.

CUNHA, Maria Zilda da. **Na tessitura dos signos contemporâneos: novos olhares para a literatura infantil e juvenil.** São Paulo: Editora Humanitas; Paulinas, 2009.

ECO, Umberto. **Sobre a literatura.** Rio de Janeiro: Record, 2003.

_____. **Pós-escrito ao Nome da rosa.** Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Minidicionário da Língua Portuguesa.** 2. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1989.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa.** 25. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

_____. **A importância do ato de ler.** São Paulo: Cortez, 2005.

GOÉS, Lúcia Pimentel. **Introdução à literatura para crianças e jovens.** São Paulo: Paulinas, 2010.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade.** Trad. Tomaz Tadeu da Silva e Guaracira Lopes Louro. 3. ed. Rio de Janeiro. DP&A, 1999.

_____. **Da diáspora: Identidades e mediações culturais.** Org. Liv Sovik; Belo Horizonte: UFMG; Brasília: Representação da UNESCO no Brasil, 2003.

HAMPATÉ BÂ, Amado. A tradição viva. In: Joseph Ki-Zerbo (ed.). **História geral da África, I: Metodologia e pré-história da África.** 2.ed. rev., Brasília: UNESCO, 2010. Cap. 8, p. 167/212.

JOSÉ, Elias. **Memória, cultura e literatura: o prazer de ler e recriar o mundo.** São Paulo: Paulus, 2012.

KAERCHER, Gládis Elise P. da Silva. **Educação infantil: pra que te quero?** Porto Alegre: Artmed, 2001.

LAJOLO, Marisa. **Do mundo da leitura para a leitura do mundo**. 4.ed. São Paulo: Ática, 1999.

LOPES, Nei. **Enciclopédia brasileira da diáspora africana**. São Paulo: Selo Negro, 2004.

MUNANGA, Kabengele (Org.). **Superando o racismo na escola**. 2. ed. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, 2005.

MEIRELES, C. **Problemas da literatura infantil**. 3. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.

PACHECO, Lillian. **Pedagogia Griô: a reinvenção da roda da vida**. 2.ed, Grãos de Luz e Griô, Lençóis/ BA, 2006.

ROCHA, Vivian Munhoz. **Aprender pela arte a arte de narrar: educação estética e artística na formação de contadores de histórias**. 109 f. Tese de Doutorado. São Paulo: Escola de Comunicação e Artes da Universidade de São Paulo, 2010.

SANTAELLA, Lucia. **Culturas e artes do pós-humano: da cultura das mídias à cibercultura**. São Paulo: Paulus, 2003.

SANTOS, José Luiz dos. **O que é Cultura**. 14 ed. --- São Paulo: Brasiliense, 1994.

SANTOS, Reinaldo Soares dos. **O encanto da lagoa: O imaginário histórico-cultural como elemento propulsor para o turismo cultural na Lagoa Encantada**. Dissertação (Mestrado em Cultura e Turismo) - Programa de Pós-Graduação em Cultura e Turismo, UESC/UFBA, Ilhéus-Ba, 2004.

SISTO, Celso et al. **Do griô ao vovô: o contador de histórias tradicional africano e suas representações na literatura infantil**. Nau Literária, v.9, n.2.

SISTO, Celso. O misterioso momento: a história do ponto de vista de quem ouve (e também vê). In: GIRARDELO, Gilka (Org.). **Baús e chaves da narração de histórias**. Florianópolis, SESC-SC, 2004. pp. 82-93.

SISTO, Celso (Org.). **A história fora do papel: a oralidade e o espetáculo**. Passo Fundo, Ed. Universidade de Passo Fundo, 2010.

SOUSA, Denise Dias de Carvalho. **Contação de histórias nos hospitais**. Disponível em: <http://contacaodehistoriasemjacobina1.blogspot.com/>. Acesso em: 20/11/2018.

SOUZA, Ana Lúcia Silva et. al. **De olho na cultura: pontos de vista afro-brasileiro**. Salvador: Centro de Estudos Afro-orientais; Brasília: Fundação Cultural Palmares, 2005.

WEHLING, Arno & WEHLING, Maria José. As estratégias da memória social. In, **Brasilis**: Revista de História sem Fronteiras. Rio de Janeiro: Editora Atlântida, Ano 1 nº1, 2003.

VANSINA, Jan. A tradição oral e sua metodologia. In: Joseph Ki-Zerbo (ed.). **História geral da África I: Metodologia e pré-história da África**. 2.ed. rev. – Brasília: UNESCO, 2010. Cap. 7, p. 139/166.